
Nós, as mulheres
Projeto Não sou Eu uma mulher ?
Editora Gato Ed



Leila Leite
(Organizadora)

Nós, as mulheres 2

Projeto
Não sou eu uma mulher?

Ipê

Célia Leite

Rosa da Terra

Mãe Cris Leite de Logun-edé - Donè Ominjibó

Eloiza Freire

Te Ribeiro

Moara

Luana Reis

Luane Freitas

Joana Chagas

Lu Bessa

Keila Monteiro

Editora Gato Ed

Aqui, nós temos o segundo volume do livro Nós, as mulheres, que faz parte do Projeto Não sou eu uma mulher? realizado pela Editora Gato Ed e organizado por mim. São biografias de mulheres que estão em suas casas construindo suas histórias, escrevendo livros, contando histórias, educando e transformando o mundo. Aproveite a leitura e conheça como cada uma consegue fazer com que as dificuldades e as belezas de todo dia se completem para a vida ter sentido.

Leila Leite

ISBN 978-65-284-0668-5



Comitê Científico

Lucélia Leite Ferreira
Mestra em antropologia-Seduc- PA/ Semec Belém

Euzalina da Silva Ferrão
Doutora em Antropologia-SEDUC-PA

Ana Lídia Nauar
Doutora em Antropologia-UEPA

Jorgete Lago
Doutora Etnomusicologia-UEPA

Rosaly de Seixas Brito
Doutora em Antropologia-PPGCOM/UFPA)

Rosa Lucia Lima da Silva Correia
Doutora em Antropologia-NEABI-UFAL

Ivonete Pinheiro
Doutoranda em Antropologia-PPGAS UFSCar

Maria Cristina Maneschy
Professora Aposentada da Universidade Federal do Pará

Telma Amaral Gonçalves
Doutora em Antropologia-UFPA

Avelina Oliveira de Castro
Doutora em Antropologia-FUNTELPA

Luciana Moreira dos Reis
Mestra em agriculturas familiares e desenvolvimento sustentável - UFPA

Lilian Silva de Sales
Doutora em Ciências Sociais-UFPA)

Kátia Bárbara da Silva Santos
Doutora em Sociologia-IFPA.

Waldileia Amaral
Doutora em Sociologia- IEB

Carla Cilene Siqueira Moreira
Mestra em Sociologia - UFPA

Uendy Oliveira Feitosa
Mestra em Educação-Facultad Interamericana de Ciências Sociales

Comitê Editorial

Anne Cavalcante
Escritora-Academia de Letras de Belém-ALANIN

Leila Cristina Leite Ferreira
Doutora em Antropologia-Editora Gato Ed

Léliam Maria Lobato do Carmo.
Advogada-OAB/Pa.

Lucélia Leite Ferreira
Mestra em antropologia-Seduc- PA/ Semec Belém

Marta Inês Ferreira Lima Sarmento
Especialista em psicopedagogia e relações étnico-raciais -SEDUC-PA.

Magnólia Borges
Escritora-Editora Gato Ed

Leila Leite

Nós, as Mulheres 2

Editora Gato Ed
2026

Capa: Lucélia Ferreira
Diagramação: Leila Leite
Imagem de capa: IA
Edição: Leila Leite

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

N897
Nós, as mulheres 2 [recurso eletrônico] / organização Leila Leite. — 1. ed. — Belém : Gato Ed, 2026.
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-284-0668-5

1. Mulheres – Biografia. 2. Mulheres - Entrevistas. 3. Histórias de vida. 4. Feminismo. I. Título.

CDD23: 920.72

I-1910261

Bibliotecária: Priscila Pena Machado – CRB-7/6971

Este livro é disponibilizado de forma gratuita em seu formato E-book no site da Editora Gato Ed

E-BOOK GRATUITO



Colaboração

Colabore com nosso trabalho doando qualquer valor, assim você nos ajuda a continuar distribuindo e-books gratuitos, alimentando nossos pets com qualidade e realizando nossos eventos.

Pix:editoragatoed@gmail.com
Leila Cristina Leite Ferreira



O que significa ser mulher no Brasil?

Essa é uma pergunta com muitas respostas, você já parou para pensar que vivemos em um dos países onde é mais perigoso ser mulher? Nossa existência e humanidade é questionada a todo minuto, nossos conhecimentos são postos à prova.

Aqui, no segundo volume do livro Nós, as mulheres, onze mulheres contam suas histórias e nos apresentam diversas respostas para o nosso questionamento.

Raimunda Célia Leite Ferreira, a mãe do Gato Ed, nos conta um pouco de sua trajetória como trabalhadora, mãe e esposa, relembra sua infância e nos remete a momentos de uma Belém que estava em transformação.

Mãe Cris Leite de Logun-edé–Donè Ominjibó, mostr sua trajetória enquanto uma importante liderança religiosa dentro de Belém e assim nos ajuda a entender mais sobre esse universo que sofre multiplos preconceitos.

Keila Michelle Silva Monteiro, relata suas dificuldades e suas conquistas enquanto mãe, filha, professora e uma mulher artista da música que traz suas histórias de enfrentamento de um machismo que até na arte exclui os conhecimentos femininos.

Luana Reis, mãe, estudante, uma militante da arte que encontra na música e na poesia os espaços para realizar seus sonhos e dizer o que pensa e sente sobre o mundo ao seu redor.

Eloíza Freire, nos conta da sua militância incansável com a arte e a educação, mãe e avó, está envolta com a escola, a música e o teatro, mudando a forma de muitas gerações de enfrentar o mudo.

Lu Bessa, mãe, produtora cultura, narra sua trajetória envolvida com a realidade de seu cotidiano com os filhos, sonha e produz arte e se atreve a contar o que pensa e quer para continuar fazendo diferente.

Luane Freitas, dançarina, estudante, uma mulher em busca de seu lugar na dança, lutando para abrir os caminhos que ainda estão sendo mostrados para ela e sempre em busca de novos conhecimentos.

Joana Chagas, mulher indígena, poeta, escritora, mãe e avó, está em busca de sua identidade, fazendo da arte seu principal argumento de luta nos enfrentamentos das milhares de batalhas a serem travadas.

Ipê - Isabelle Pires, tão forte quanto uma árvore, confunde para explicar, mãe, poeta, observadora do mundo, traçando com suas palavras a beleza de existir e duvidar.

Rosa da Terra, poeta com sede de conhecimento, produz arte para espalhar sua alma pelos quatro cantos do mundo, também escreve músicas e tornar tudo mais colorido com seus quadros.

Maria de Nazaré Barreto Trindade, a Moara, professora, poeta, mãe, mulher negra que milita pelos direitos humanos e pela poesia em todos os seus âmbitos.

Te Ribeiro, mãe e professora, filha de Bragança, pesquisadora do corpo, das culturas ribeirinhas, mestra e doutora em antropologia, também se arrisca na poesia.

Todas essas mulheres enfrentaram as dificuldades de falar de si e quebraram o silêncio que o machismo e a misoginia impõem sobre todas nós.

Leila Leite

Sumário

Dona de Casa 12
Eu sou, Raimunda Célia Leite Ferreira 13
Afro religiosidade 17
Eu sou, Mãe Cris Leite de Logun-edé–Donè Ominjibó 21
Música 21
Eu sou, Keila Michelle Silva Monteiro 22
Eu sou, Luana Reis 38
Eu sou, Eloiza Freire 47
Eu sou, Lu Bessa 51
Dança 73
Eu sou, Luane Freitas 74
Literatura 87
Eu sou, Joana Chagas 88
Eu sou, Ipê - Isabelle Pires 104
Eu sou, Rosa da Terra 113
Eu sou, Maria de Nazaré Barreto Trindade -Moara 119
Educação 159
Eu sou, Te Ribeiro 160
Álbum 167


Dona de Casa
Casa Limpa é Vida Boa
Gratidão
Sonhos
Planos
Vida Melhor

Eu sou, Raimunda

Célia Leite Ferreira



Eu sou, Raimunda Célia Leite Ferreira

Eu cheguei na Terra Firme com 5 anos , com meu pai e minha mãe, fui criada aqui . Lembro de quando a gente era criança brincando, correndo , tinha igarapé aí na baixada perto de casa e nós íamos para lá brincar, o papai plantava bananeira , essas coisas assim .

Eu tinha uma colega, que era minha colega mesmo , sempre brincava comigo , vinha para cá , almoçava aqui, que era a Ivone . O Vicente, irmão dela, de noite vinha também, que a gente brincava de roda, meus irmãos se juntavam todos, a brincadeira era boa, a gente fazia a roda e brincava de tudo , brincava de pira rodeando o quarteirão, correndo aqui pela São João e ali pela São Sebastião .



Até que fui crescendo, fazendo as mesmas coisas estudando, quando eu fiquei maior, fui estudar o segundo grau lá no colégio de freira . Aí quando eu saí do colégio, com 16 anos , eu comecei a namorar , passamos um ano namorando e depois casamos, aqui no mesmo bairro. Ele era daqui, ele era do interior , mas aí se criou aqui no bairro trabalhando na taberna da irmã dele.

Nós casamos e construímos família aqui mesmo e até hoje ainda estamos aqui na Terra Firme e criamos nossos filhos.

Quando era criança , viajava muito com a mamãe , com a minha avó, não é, porque a minha mãe morreu , quando a gente era criança . É importante esse detalhe .

Eu fui criada com meus avós, que chamava de pai e mãe para eles. A minha mãe morreu jovem, com 27, a vida foi assim , eu e os meus irmãos , depois. Estudei na escola Mateus do carro , estudei na Stellina Valmont.

Eu tive 3 filhos, 2 filhas mulheres e um homem , e ainda criei 2 sobrinhos, aliás, foi 3, teve uma sobrinha. A família cresceu quando eu criava eles . Mas seguindo a vida com meu marido e os filhos, foi tudo tranquilo, na casa e no bairro. Vi o bairro crescer, Vi a igreja . crescer, porque quando eu casei , já tinha derrubado a igreja velha , tinha feito a igreja nova , a grande , já casei nela. Depois dela, já derrubaram, fizeram outra maior ainda e continua a mesma, tem a praça na igreja.

Durante a pandemia um dos meus irmãos morreu. Foi o que era logo depois de mim, o João, mas o resto está tudo vivo ainda . Quando eu casei o Lió, trabalhava na feira, mais tarde foi que nós conseguimos mais dinheiro, aí a gente foi trabalhar no comércio, depois de um tempo a gente acabou comprando uma casa aqui na rua, onde foi um comércio grande, tudo era só comércio , tipo um supermercadinho vendia carne , picadinho , camarão , pirarucu e todos os tipos de coisa que quisesse, vendia para a Terra Firme quase toda.



Todo mundo era freguês aqui. Depois, a gente vendeu nossa casa que tinha comércio grande . Aí depois ele comprou outro . Põe na fez duas casas . Uma casa para nós e outra para a mãe dele.

Moramos lá um bom tempo, a Leila nasceu quando eu morava lá . Depois , a gente mudou para a São João. E, quando a gente se mudou para cá foi porque o papai chamaou, a mamãe estava doente e precisava da minha ajuda.

Aí nasceu o segundo filho , foi o André, depois veio a Lucélia. . Nesse intervalo aí eu também criei os sobrinho , a filha do irmão do meu marido, que a mãe morreu e a gente pegou para criar, mais tarde, criei o Wellington e o Ewerton, filhos da minha irmã. Agora, todos já estão adultos e tomam de conta de suas famílias.

Agora, meus gatos. Sempre gostei de gato, quando casei levei um todo branquinho, a gente colocava areia numa lata e ele fazia as necessidades dele lá.

Certa vez, um homem passou pegando tudo quanto era gato pra levar pro circo pro leão comer, o Lió que descobriu e fez o homem soltar o branquinho e todos os outros gatos que estavam no saco.



O papai gostava muito de gato e aqui sempre teve bicho, gato, cachorro, a gente criava galinha, pato e muita coisa ai no quintal.

Em 2019, eu e o Lió, a gente publicou um livro, a Leila que fez, a gente nem sabia, ela escreveu do que a gente contava pra ela, teve o lançamento com uma festona.

E agora ainda estamos por aqui, até quando Deus quiser.


Afro
Religiosidade

Eu sou,

Mãe Cris Leite de

Logun-edé-Donè Ominjibó



Eu sou, Mãe Cris Leite de Logun-edé - Donè Ominjibó

Eu fui iniciada em 2005 na afro-religiosidade, Candomblé Jedje Savalu, dirije o terreiro HUNKPÁMÈ AHO NUGÀ. Desde o recebimento de meu grau de Iyalorixá, em 2013, sou também presidente do INSPRINFOR – INSTITUTO PRINCIPE FORMOSO, hoje Pontão Nacional de Cultura, sendo este instituto o braço social do terreiro.



Sou Graduada e pós-graduada em alguns pilares da área social, já trabalhei para multinacionais de fora do Estado do Pará. Também sou ex-Conselheira Municipal de Defesa da Mulher (CMDM), e hoje sou Conselheira Municipal de Promoção de Igualdade Racial (COMUPIR), ambos de Ananindeua/PA.

Atualmente estou Conselheira Estadual de Promoção de Igualdade Racial e Direitos Humanos (CONEPIR-PA). Atuo no fortalecimento das mulheres e de POTMAS no município de Ananindeua/PA, com ênfase nas mulheres de periferia e entorno do bairro do Icuí, além da comunidade em geral por meio dos Projetos Sociais: TDM (Tempo das Mulheres), Portões escancarados, Cozinha da ITA, e com o recente documentário “Conversas com Iyá”, dando orientação e direcionamento nos segmentos de empreendedorismo, protagonismo feminino, e da comunidade Afro-tradicional.

Todos os projetos e ações visam fortalecimento da cultura tradicional afro-religiosa, cultura em geral, saúde e autoestima, qualidade de vida, informações jurídicas em defesa da mulher, no combate dos diferentes tipos de racismo e intolerância por meio de reuniões, palestras, oficinas, capacitações, eventos, etc. Desta forma, levando maior conhecimento a comunidade local, e população em geral.

Já fui reconhecida pelas ações socio-culturais do Instituto Príncipe Formoso, pela ALEPA/PA a Comenda Mãe Doca , pela Câmara Municipal de Vereadores de Ananindeua - Comenda Pai Ayrton Soeiro, Secretaria Municipal de Esporte e Cultura de Ananindeua -

Prêmio Mulher em Ação, bem como, pela Gerência Estadual de Promoção da Igualdade Racial (SEJUDH/2020), e recentemente pela AFAIA, com o Prêmio Ita Zumbi.




Música

Eu sou,
Keila Michelle Silva Monteiro



Eu, Keila Michelle Silva Monteiro

Sou natural de Belém-PA, nasci em 8 de setembro de 1977, sou Doutora e Mestra em Artes pelo Instituto de Ciências da Arte da UFPA, tenho graduação em Educação Artística-Música pela UEPA e Letras pela UFPA - Língua Portuguesa/Inglesa. Faço parte do Laboratório de Etnomusicologia da UFPA e sou docente da Rede Municipal de Ensino de Belém há 23 anos. Sou cantora e compositora no grupo Cais Virado. Trabalhei no Núcleo de Arte, Cultura e Educação - NACE e na extinta Escola Municipal de Arte de Belém - EMAB da SEMEC. Fui professora substituta no Departamento de Artes da Universidade do Estado do Pará três vezes, atuando nos cursos de Música, Letras e Pedagogia. Pesquiso a cultura rock em Belém do Pará, atuando principalmente nos seguintes temas: artes, etnomusicologia, música urbana, rock, punk rock e feminismo.



Em 2023 defendi a tese “Klitores Kaos e o grito das mulheres: o Punk/HC desemboca numa cena musical feminista em Belém do Pará”, cuja introdução revela não apenas minha ligação com o rock e o punk rock, mas partes dolorosas da minha vida que tento superar até hoje:

"Os motivos pelos quais iniciei esta pesquisa entram no fato de eu me encontrar imersa nesse mundo do rock desde quando descobri as bandas locais, por conta da minha pesquisa de TCC para a UEPA, e pela própria pesquisa. Eu já era fascinada, desde criança, pelo rock 'nacional' dos anos 80, porque minha mãe deixava o aparelho de som 3 em 1 com o rádio ligado, na nossa sala grande, em casa, todas as manhãs; e ao final de semana havia os programas de televisão onde esses artistas de bandas de rock, na maioria homens, apresentavam-se com suas performances inusitadas. Maria Juçá, como diretora do espaço cultural carioca Circo Voador, afirma que "Nos anos 80, o rock se revelou como um sintoma de uma fome sufocada pela situação política brasileira, a ditadura. O rock era ainda a coisa mais subversiva que poderíamos produzir em termos de ruído" (JUÇÁ, 2001, p.133); ela diz ainda que os meios de comunicação achavam que o rock já era uma estética superada, talvez por isso a necessidade de o "rock nacional" vir em sua maioria com performances de roupas colorias, letras divertidas, algumas engajadas, e tudo capaz de conquistar inclusive crianças. Ali me criei.



Eu iria, portanto, em 1999, pesquisar sobre isso, até que uma professora da UEPA disse-me: "– Por que tu não pesquisas o rock daqui?" e foi a melhor coisa que me aconteceu. Lembro de minha pesquisa de campo, de encontrar uma banda tocando numa praça perto de casa, esperar o show acabar e pedir contatos para um dos integrantes e assim fui conhecendo mais gente que era referência no rock local, produtores, músicos, gente do público, todos homens! Um universo masculino em que eu, até então, não atinava para questões de gênero, para a busca de mulheres protagonistas na cena local. Aos poucos fui conhecendo as companheiras desses integrantes, que eram também o público, mas até então não me interessavam para as questões de pesquisa.



Mas, antes mesmo de buscar pessoas para entrevistar e buscar material, formei minha banda Coisa de Ninguém em 1998, na própria universidade, concretizando um sonho juvenil, num cenário mais aberto a experimentações musicais, que quebrava a dicotomia punk- heavy metal que existia na cidade; havia bandas que misturavam o rock ao carimbó, ao jazz, ao boi bumbá etc. Foi aí que conheci algumas bandas com uma menina ou outra no vocal, porque eu gostava de ir ver o que as bandas estavam produzindo em Belém, por diversão e para aprender, mesmo que inconscientemente, um pouco com quem estava na cena, no caso. Mesmo assim eu não havia pensado em destacar ou questionara presença de mulheres no rock local.

Deve-se considerar o fato de que, em 2001, mais ou menos, eu consegui entrar para uma banda cover formada por dois senhores que moravam num bairro vizinho e tocavam MPB e flashbacks de quarta a domingo. Fiz um teste e me tornei vocalista, saindo à noite para casas de show diferentes e, devido a isso, meu pai me impediu de continuar antes disso fazer um ano; essas proibições também vigoravam quando eu queria sair com amigos para cantar em karaokês, até então na moda, por serem eventos noturnos em que ele não estava presente. Talvez por isso, sinto até hoje insegurança no meu modo de cantar, são questões psicológicas do passado que geraram sequelas.



A minha banda conseguiu se desenvolver por eu estar no meu próprio ambiente de estudo e por eu terminar a graduação e passar num concurso público para a prefeitura de Belém, gerando assim minha independência em casa. Foi formada com um colega de sala, pois existia uma atração entre nós e ele era instrumentista. Eu achava que ia me tornar instrumentista e gostava muito de cantar, porém fiquei apenas na aprendizagem do canto e, dependente dele como acompanhante, no violão, na guitarra ou no contrabaixo.

Mesmo matriculada na Escola de Música da UFPA, com minha avó pagando as mensalidades, eu não conseguia praticar o canto em casa devido ao meu pai que se irritava quando eu tocava flauta, eu então nem pensava em praticar canto lírico no meu lar para fazer a prova prática e fiquei no curso técnico apenas por dois anos.

Eu já escrevia letras de canções desde os 12 anos, sempre com a melodia pronta e via nessa junção com meu colega, posteriormente namorado, uma oportunidade única de ter uma banda. Nela, eu declamava poemas de algum livro, ressalto que também cursava Licenciatura em Letras na Universidade Federal do Pará, ou da canção popular brasileira e meu companheiro compunha uma música de fundo, no violão, e em seguida engatávamos uma canção autoral, com as minhas letras.



Era a primeira vez que eu mostrava minhas canções e podia fazer performances para um determinado público, sendo este, universitário, o qual me deixou nervosa no início, mas logo depois me acostumei e sentia que mostrava o meu verdadeiro “eu” em minha criação. Depois, entraram mais dois homens, um no contrabaixo, outro na percussão; e logo, um colega de Letras, poeta pediu para entrar e a banda passou um bom tempo com um vocal masculino dividindo o palco comigo, dividíamos as letras também, mas cheguei a me acomodar escrevendo menos e apenas cantando.

Porém, eu já percebia o machismo vindo do nosso público, pois quase sempre as pessoas não atribuíam a fundação da banda à minha pessoa; já acharam, inclusive, que eu era apenas backingvocal, como se eu não tivesse capacidade de criar uma banda e escrever as letras. Sofri também preconceito por parte de outros colegas de bandas que diziam que a minha era "mais uma banda com a vocalista bonitinha para chamar a atenção do público", como se fosse para atrair a espécie masculina, como se eu estivesse a vender meu corpo e minha imagem, ali, objetificada.

O processo de criação na Coisa de Ninguém, com quatro homens interagindo comigo, era complicado, pois eu tinha voto vencido para decisões que incluíam shows, ensaios, repertórios, gravações, prevalecendo as opiniões masculinas, as quais me diziam que eu era chata, insuportável na banda, que queria impor tudo e eu me impunha mesmo, com medo de desaparecer em meio a tudo o que eu havia criado. Entre idas e vindas da banda, eu com meu companheiro, já no casamento desde 2004, o colega de sala que me ajudou a criá-la, caminhávamos para um término definitivo em 2017, com um CD demo e dois álbuns, sendo que o último teve o meu nome na capa apenas para ganharmos um edital por conta da minha pesquisa. A banda encerrou, de fato, as atividades em 2018.



Quando o poeta saiu, passei a criar letras voltadas a questões de gênero. Foi quando passei a me voltar para histórias de colegas, sobre relacionamento abusivo e a me entender como uma mulher militante, apesar de muita insegurança. Eu não sabia que iria passar por um relacionamento abusivo anos depois, após o término do meu casamento, em plena pesquisa de campo para este doutorado. Antes desta profunda decepção que custou a minha saúde, desencadeando crises de depressão (fui diagnosticada com depressão em 2016, devido me tornar órfã de pai e mãe), um amigo já tinha me convidado a apresentar trabalho na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, que aconteceria em Brasília-DF, em dezembro de 2018. Como eu havia feito a disciplina Antropologia I neste doutorado, criei coragem e apresentei minha comunicação com o trabalho intitulado “A mulher no rock: sua presença e performance na cena em Belém do Pará”.



Apesar de a minha banda não se encaixar exatamente no gênero punk rock, transitava por estes espaços e também chegava a locais dedicados ao rock e pop rock e, desde que iniciei minha pesquisa sobre rock em 2000 fazendo amizade com integrantes homens das bandas de punk rock, que sabiam que eu cantava, alguns me convidavam para participar cantando alguma canção de seu repertório; isso ocorre até hoje.

Daí o meu fascínio pelo punk rock, porém, ainda não havia aberto os olhos para a causa feminina/feminista. Essa tese iniciou como uma pesquisa do punk rock em geral em Belém PA, porém, além de um relacionamento abusivo com um integrante do movimento, que custou minha saúde mental e física, tive muitas decepções com a cena masculina na pesquisa de campo, nos bastidores dos shows que eu vinha frequentando e em conversas informais. Vi, muitas vezes, o antimachismo, a anti-homofobia, o antirracismo, defendidos pelo movimento, desabarem diante de meus olhos, tudo associado a um abalo mental e psicológico. E eu não conseguia escrever mais nada, absolutamente. Foi quando a minha orientadora propôs que eu mudasse o foco da minha pesquisa perguntando se havia alguma banda de mulheres. A resposta veio como um alívio da dor: sim. [...] Então, espero que esta tese seja também instrumento de reflexão e luta."



Minha última apresentação foi em 2018, foto de Marcelo Barros, com minha banda de rock, outros gêneros e protesto, Coisa de Ninguém, com a camisa da banda que, anos depois, eu pesquisaria no doutorado:

Daí o meu fascínio pelo punk rock, porém, ainda não havia aberto os olhos para a causa feminina/feminista. Essa tese iniciou como uma pesquisa do punk rock em geral em Belém PA, porém, além de um relacionamento abusivo com um integrante do movimento, que custou minha saúde mental e física, tive muitas decepções com a cena masculina na pesquisa de campo, nos bastidores dos shows que eu vinha frequentando e em conversas informais. Vi, muitas vezes, o antimachismo, a anti-homofobia, o antirracismo, defendidos pelo movimento, desabarem diante de meus olhos, tudo associado a um abalo mental e psicológico. E eu não conseguia escrever mais nada, absolutamente. Foi quando a minha orientadora propôs que eu mudasse o foco da minha pesquisa perguntando se havia alguma banda de mulheres. A resposta veio como um alívio da dor: sim. [...] Então, espero que esta tese seja também instrumento de reflexão e luta."



Minha última apresentação foi em 2018, foto de Marcelo Barros, com minha banda de rock, outros gêneros e protesto, Coisa de Ninguém, com a camisa da banda que, anos depois, eu pesquisaria no doutorado:





Então, sou uma mulher de muitas dores, como muitas. Nunca parei de escrever letras, muitas delas se confundem com poemas e só percebi isso após algumas pessoas me chamarem a atenção pra isso. Conheço a arrogância da cena de poetas locais, além de posturas equivocadas que questionam: o que pode fazer um poeta no seu dia-a-dia? Como pode se vestir ou declamar? O meu gosto indiscutível pela filosofia anarcopunk me fez negar tudo isso, até eu parar para pensar que não preciso ter contato com isso. Então, avistei uma inscrição para publicação uma revista de poetas mulheres, numa editora do Rio de Janeiro e obtive a aprovação. Segue meu poema que estará nessa coletânea de mulheres de todo o Brasil:

Melodia e Pranto
Nesses dias que não vens
Atravesso a janela do quarto
Pro céu cinza
Entrelaço lençóis em teresa
Há busca de reduto
Encorajo um corpo lânguido
Mergulho fundo em certeza
Há fragmentos de luto!



Pra estes dias, coragem
Não me abro em canções
A noite finda
Há conversas que não me interessam
Há névoa e frio
Tomo uma bebida sem cor
Vejo a sensatez imersa
Num corredor vazio

Para quem lagrima como eu
Deixo lenços invisíveis
Num dia bonito
Peço travesseiros em calçadas
Contenção no mar revolto
Melodia a correr no pranto
E cuidado nas pisadas
A cessar um dia torto



A coletânea Elas Poetas – edição 2026 será lançada em julho de 2026, na FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty, pela editora Vira-Tempo, em Paraty-RJ. Motivo para comemorar e, além disso, meu reconhecimento como pesquisadora do rock; sou chamada para entrevistas, colaboração em livros, composição de comissão para organizar eventos ou material sobre o assunto. Recebi menção honrosa de duas turmas do curso de Música da UEPA e também recebi um documento oficial da direção do Centro de Ciências Sociais e Educação como meio de reconhecimento, agradecimento e elogio a mim, como docente da instituição, onde trabalhei por 4 anos e seis meses.

Sobre meu lado artístico, sou reconhecida como “veterana” no mundo rock, mas resolvi sair da cena após o relacionamento abusivo, em que tive medida protetiva, mas a audiência final não deu em nada, pois, a minha queixa na delegacia da mulher era por perturbação da tranqüilidade (classificada pela própria delegacia) e, naquele ano esse crime tinha mudado para “perseguição”, e eu teria de fazer nova queixa, mas desisti após ouvir relatos de que homens que já tinham ficha criminal nunca haviam sido condenados ali, naquele tribunal, por violência contra a mulher.



A banda, para a qual fui convidada a ser letrista e vocal, Cais Virado, trabalho autoral com letras poéticas e ritmos dançantes, lançou um disco apenas (prêmio do CCAA Fest) e está parada há muitos anos, devido a inúmeras intempéries. Também em 2018 foi sua última apresentação em festival, foto de Bruno Carachesti:





Tanto tempo parada, divorciada, escrevendo letras... Saí de casa em 2019. O que me destruiu não foi a condenação da sociedade, foi ter perdido parte da infância da minha filha que hoje tem 18 anos, mas agora moramos juntas. Tentei formar mais uma banda e nunca mais consegui. Em 2024, então comecei a organizar com amigos um baile, o Baile do Beco (baile.do.bec0), uma reunião com amigos para ouvir músicas antigas, do passado. Logo se formou a banda cover Pega o Beco. O Baile do Beco teve umas 4 edições, posteriormente surgiu o projeto Se Keira, comigo e o vocalista e guitarrista, em que tocamos e cantamos músicas como brega, cumbia, lambada, passado etc. Mas logo criamos uma música autoral.

Sou do time de professoras que já está cansada de dar aula para o ensino fundamental, pois as gestões da prefeitura não têm sido benevolentes conosco. Faltam 2 anos para eu me aposentar. Isso tudo me estressa e, apesar de alegrias citadas aqui, tenho muitas crises de depressão. Em outubro de 2025 caí num golpe de bandidos que se passaram por minha advogada; tenho 3 causas na justiça, contra a Semec, e eles se utilizaram de uma para me dar o golpe, perdi muito dinheiro, mas estou viva e tentando ser resiliente.

Sou uma mulher que precisa de terapia, às vezes eu quero sumir, às vezes penso que não conquistei nada, às vezes penso que consegui muita coisa, às vezes eu só quero compor e quebrar a quarta parede!



Eu sou,
Luana Reis



Me movo através das palavras, da música, das emoções e a criatividade que nasce no simples cotidiano. Vejo em todos os cantos de mim um pouco de magia, seja no meu olhar sempre pronto a projetar bonitas transformações no que se vê, seja na vida prática quando permito a expressão criativa e sensível dentro de um trabalho sistematizado e repetitivo.

Não fosse o bastante a responsabilidade de me recriar e compor os dias que se fazem chão sob meus pés, hoje crio, por conta própria e solamente, duas crianças maravilhosas que me ensinam tanto quanto aprendem, e sinceramente, eu não queria que fosse diferente.



A arte que vive em mim é nutrida e embelezada todos os dias pela presença dos pequenos seres humanos que ainda me chamam de "mamãe", e me fazem enxergar que não existe amor sem comprometimento.

Logo entendo, arte é compromisso também. O comprometimento de seguir firme no caminho que faz meu coração vibrar, minha alma resplandecer, meu sorriso transbordar. A parte sincera do meu ser, e a mais cintilante que me habita desde a mais tenra idade. Manifestação inventiva ilimitada e irrotulável.

Como profissional de marketing e já prestes a concluir uma graduação em administração de empresas, me vejo sob a urgência de concretizar habilidades de planejamento, organização metódica, e execução estratégica. Paradoxalmente, ando mais artística do que nunca. Poder transitar entre mundos é o que me movimenta, me desafia e me desperta.

Abrir espaço para a energia criativa é esse recurso poético e de embelezamento da dualidade que nos abraça. O caminho do meio entre a luz e sombra.



Portanto, ao me debruçar sobre meus devaneios e impulsos instintivos, transformo vivências em versos, questionamentos em expansão de consciência, inquietações em presença.
Palavras que acolhem, instigam e me revelam a mim mesma.

Poesia



Resignação

Mais vale um coração curado, do que dois quebrados.
Saber a hora de partir, é dizer a si mesma: eu posso ser mais feliz.
Mas, não sem antes experimentar a dor.
Não sem antes deixar-se ser atravessado por todas as nuances da experiência completa.
Entender que, às vezes, a distância compulsória, quase violenta, é um convite à resignação, a aceitação de que nem tudo é como queremos, ou sonhamos e pipipi popopó.
Ah, as fantasias da nossa cabeça, e o destino que chega sacudindo as estruturas mal-feitas.
Mas, acho que quando a gente não tem muito amor, "qualquer gota de amor, afoga", como diria Luedji Luna.
Qualquer carinho já vira lar, já vira lugar pra ficar, e quase sem se perguntar "será que eu caibo aqui?" inteira ou aos pedaços.



Agora só me sobra o que me resta.
E a resignação reside em aprender a amar o que se tem agora, de mãos dadas à vida possível, Oxalá sabe o que faz.
E o que não faz.
É tempo de abraçar o novo.
De abrir espaço na vida.
Tempo de olhar o céu e perceber uma galáxia inteira de possibilidades.
Vento de sentir o mar e descobrir o único caminho.
Caminho dentro da imensidão de mim mesma.



O gato de casa

Quão curioso é ver o gato transitar entre vida doméstica e selvagem.
Começo a refletir tamanha semelhança com humanos.
O gato passeia harmoniosamente entre suas fases, e com suas diversas personalidades, vive e encanta.
Ora cio, ora casto.
No cio, o gato foge.



Quer explorar, conhecer o mundo afora, ainda que arrisque sua vida e alimentação.
De alguma forma, ele sabe que pode dar um jeito.
Sabe que seu lar o aguarda.
Mas, quando o mundo chama, ele não pensa duas vezes.
Não se apega a nada.
Essa é a sua natureza, tal como a natureza humana.
O que pode acontecer se nos afastamos ou nos perdemos de nossa natureza não linear?
Por que nos permitimos tal privação?
As crianças são facilmente como gatos.

E gatos o encantam.
Eles simplesmente transitam sem medo entre suas várias formas de ser, não se aprisionam em suas emoções, mas fluem entre elas, numa repentina brincadeira alegre logo após intensas frustrações.
Isso porque ainda não foram forçados a se moldar pelo inevitável regime de comportamento social “adequado”.
Até que, inevitavelmente, chega à perda da inocência.
Pela necessidade de encontrar seu lugar de pertencimento.
Essa passagem entre o ser autêntico e o ser social pode ser doído e confuso.



Mas, se tiver sorte, não precisará abdicar de seu lado não domesticável.
No entanto, caso reprima sua natureza selvagem, em algum momento ela virá à tona.
A vida chama.
De novo, e de novo.
Até que ela grita.

Mas, é pra despertar.
Despertar pro mundo interno.
E esse retorno também não é linear.
Nem definitivo.
A alma pede a renúncia de padrões ensinados por aqueles que sucumbiram.
E os instintos vão se perdendo, de geração em geração.
Por isso, ao observar um gato, me lembro de quem sou.



Eu sou,
Eloiza Freire



Eu sou, Eloiza Freire

Maria Eloiza de Castro Freire. Nasci em 14 de abril de 1961, em Belém do Pará, no Hospital Dom Pedro Primeiro. Sou filha de Orlando Pacheco de Castro e Maria Eliete Ferreira de Castro, paraense, de olhos verdes, católica e dona de uma personalidade expansiva,extrovertidão que não passa despercebido.

Fui criada com firmeza pelos meus pais e avós. Uma educação que chamo de "muito radical", mas que foi essencial para acentuar meus valores e me ensinar que caráter se constrói com disciplina. Da infância em Belém carrego uma marca de superação: a cicatriz debaixo do braço, lembrança de um ataque de cachorro que enfrentei ainda menina e que não me parou.



Sou pedagoga formada pela Universidade Vale do Acaraú - UVA e Especialista em Saberes Africanos e Afro-brasileiros da Amazônia pela Universidade Federal do Pará - UFPA, onde tive a honra de ser aluna da Profª Drª Zélia Amador de Deus. Tenho também formação técnica em Teatro, que me permitiu ministrar oficinas e cursos que influenciaram muitos adolescentes. Da escola, guardo com carinho o nome da professora Helena.

Minha trajetória profissional começou no comércio, passou por uma creche da Legião Brasileira de Assistência – LBA, que proporcionou a prática educacional, onde fiz formação de monitores no baixo Tocantins , e se consolidou quando me tornei servidora pública federal , após a extinção da LBA. Fui redistribuída para Escola de Aplicação UFPA, onde tive a honra de exercer a função de Coordenadora de Estágio. Aos 64 anos, continuo na ativa, no setor de Coordenação Pedagógica do ensino Fundamental I.

Sou artista por vocação. Amo cantar MPB e já fui premiada com troféus e primeiros lugares em concursos de karaokê. Há 35 anos realizei um grande sonho: gravei um disco de vinil com meu cunhado. Mesmo sem sucesso comercial, me considero realizada como cantora, porque vivi meu sonho. "O Pequeno Príncipe" é o livro que me marca até hoje.



Sou casada há 46 anos com Otávio Lopes Freire, de 72 anos, meu parceiro de vida e de palco. Continuamos juntos fazendo teatro. Sou mãe de duas filhas maravilhosas, Letícia Orhana de Castro Freire e Lizhana de Castro Freire, avó do João Otávio e venho de uma família grande: somos 10 irmãos.

Tenho vida humilde e mania de arrumação. Gosto de karaokê, das reuniões com amigos, da minha cervejinha e das conversas profundas que me fundamentam. Tenho amigos doutores, especialistas, amigos de verdade, com quem posso ficar horas conversando sobre ideias e sobre a vida.
Me defino como polêmica, mas que supero ,porque eu não desisto nunca. Estou sempre atrás dos meus sonhos. A arte, a educação e a família são o que me movem.



Eu sou, Lu Bessa



Eu sou, Lu Bessa
A história é delas.
Uma tecnologia autobriográfica de reorganização da vida.

Hoje a gente fez o carimbó no banheiro pra ver se o menino vinha tomar banho sem chorar. Agora tá aqui dormindo no meu colo na rede enquanto eu escrevo no celular. Carimbó, trabalho, filho, rede... um resumo da biografia de uma mãe trabalhadora da Amazônia, do axé e outras coisitas mais. Uma bem importante: feminista. Tem uns 20 anos que reivindico o feminismo. Antes eu achava coisa de gente sectária. E toma pegar pisa em movimento "democrático" centralizado pelos machos.



O desafio de falar de si pra uma mulher. O convite de escrever uma autobiografia foi bem desafiador, e não só pra mim. Mas vemos aí uma força política e terapêutica. Só que escrever minha história em ordem, conforme aconteceu no tempo, eu não gostei. Então pensei num jeito de brincar com a escrita, fazendo outra coisa enquanto conto minha história.

O plano é ir criando uma visão sobre mim enquanto vou mapeando meus territórios subjetivos, percebendo quem vou sendo... “quens” tenho sido. Para quem conhece as teorias do Deleuze com o Guatarri acho que já sacou a pegada: devir em fluxo contra a ideia de ser fixo.Ou seja, vou brincar de cartografar minha subjetividade para escrever minha biografia. Foi o jeito que encontrei pra entrar no desafio.

Depois vem uma dobra pra gestão do tempo: vou pegar essa cartografia feita e transformar numa agenda dos meus compromissos dia a dia. Por que essa liga? Porque a cartografia vem me mostrar o que realmente importa pra mim nessa história (de vida).

Produtivismo é a primeira barreira que quero estourar. Não sou burra de carga, não, ei! Todo tempo aceitando como razoáveis prazos que me põe em alerta diário cotidiano. Mas nenhuma urgência institucional é mais urgente do que romper com o produtivismo enquanto motor de adoecimento da classe trabalhadora. Hoje é primeiro de maio. Esse é meu manifesto do dia do trabalhador (e da trabalhadora) de 2026, já que esse ano não pude ir em ato nenhum.



Produtivismo é um conceito que denuncia a máquina capitalista que nos espreme igual mandioca no tipiti, até sugar nossa última gota de sangue, suor e lágrima. O tucupi fica todo pra eles e o que sobra de nós quando não tem mais o proveito que eles querem, jogam fora. Só ver a condição que a gente é tratado quando se aposenta. Enfim.

Trabalho numa universidade federal. Lá dentro a cobrança por produtividade é permanente, todo tempo passamos por avaliações que cobram mais e mais produtividade. Uma forma de indústria de artigos, pesquisas, patentes... uma indústria grande também de vaidade, ego, soberba, status e privilégios. E o clima, ou melhor, o vírus produtivista contamina nossos dias, nossas relações, expectativas, cobranças e autocobranças. Disso tudo só da última posso me libertar hoje. Não vou mais me cobrar atender essas cobranças abusivas. Parei.

Meu serviço na UFPA é de produtora cultural. Nos últimos 18 anos minha atuação dentro da universidade na verdade foi fora. Digo, na extensão universitária. Tive a benção de trabalhar pela universidade prestando serviço de interesse e em relação direta com a comunidade. Várias comunidades. No meu caso principalmente comunidades carimbozeiras de vários municípios, mas também comunidades de terreiro, de reforma agrária, fazedores de culturas tradicionais e periféricas em geral.





17 dias depois, volto a pegar nesse texto. Engraçado. Tenho vivido dividida entre viver e escrever sobre a vida. Porque os dias aqui passam todos na maior urgência. Urgência pra tudo. O tempo não dá pra nada. Tudo fica pra depois. Quero planejar. Parar um pouco pra pensar mas também não dá. Tá escrevendo isso aqui já é muito.

Pronto. Consegui organizar uma horinha e meia. Depois eu fico com o neném pro pai fazer as coisas dele também. Parece que hoje vai dar.

Mas eu fico mesmo é querendo tá lá com eles. O que me faz pensar num ponto importante da cartografia e da agenda: tenho que reduzir ao máximo meu tempo de trabalho. Encerrar o que puder, deixar perspectivas de futuro onde existir e, principalmente, não deixar pontas soltas pra tarem puxando depois.

Já falei que misturo trabalho e militância sendo produtora cultural atuante na cultura popular? Passei períodos trabalhando todo dia, final de semana e feriado, na hora do almoço, na hora da janta e na hora de dormir. Pois é. Parei.

Meu foco agora são minhas crias. Tu é doido. Milito pela educação e não tô em casa pra educar meu filho. Bonito isso... tá cancelado. Acabou. Já falei que sou concursada? Então. Podia tá mais de boa e não tô. Bem Rochele do Todo mundo odeia o Cris: eu não preciso aturar seus abusos, meu marido tem dooois empregos.



Sem contar o quanto já me desiludi com as parceragens. Isso com certeza tá na minha biografia. Bando de lobo em pele de cordeiro, véi! Tô fora. Não vou entrar nos detalhes sórdidos dos bastidores da produção na cultura popular do Pará, mas muita gente não é o que escreve nos projetos pra captar recurso. Até desconfio se a maioria que consegue grana de edital falando em ancestralidade e comunidade só usa isso pra edital mesmo. Mas com certeza tem muita gente incrível trabalhando também. Os de verdade tão aí na área! Só que maioria preta periférica não ganha muitas concorrências públicas, ou quando ganham, é pouca grana. Ah , Estado viciado ladrão.

Mas falando da sobrecarga de nós mães, bonita essa também, pra fazer um doutorado são 4 anos de licença. Pra gerar uma vida, a licença-maternidade é 4 meses. Quem me chamou atenção pra isso foi a Paula Ramos, iyalorixá e professora. Certa ela. Sempre soubemos que precisa bem mais pra colocar um ser humano no mundo. Eu tô aqui com um bebê de um ano e cinco meses no colo. Posso falar. É como na musiquinha infantil: o bicho homem precisa de muito cuidado. Pra tudo. Pra não se machucar, pra não ser machucado. Cuidado com alimentação, com educação...



Mas o Estado garante o que? Quatro meses de licença. E eu conheço dois tipos de bolsa pra mães. O bolsa família que dá uns 200 conto ou mais um pouco por criança. E uma bolsa de mais de 2 mil reais para mães professoras doutoras vinculadas a cursos de pós-graduação, que na maioria já têm salários de pelo menos 10 mil reais. Ou seja, gerar uma vida vale menos que produzir um currículo. O Estado deveria pagar uma bolsa digna também para as mães sem emprego, e manter a licença maternidade das empregadas, tudo por no mínimo 5 anos. Se para doutorado pode...

Temos que trabalhar, cuidar dos filhos, da casa... Ai da gente se algo dá errado ou se saímos da cartilha das boas mães. Problema é que sempre saímos. Sempre algo dá errado. Como não daria? E culpam quem?

"Que mulher imunda!" falam se a mulher não consegue cuidar da casa, arrumar grana, cuidar dos filhos, cuidar dos outros membros da família, cuidar de si mesma e tudo perfeitamente. Também não pode relaxar da aparência. Ixi, adoram falar mal da mulher que não tá no padrão fitness do momento. Do nosso corpo à nossa casa, tudo é fiscalizado pela comunidade.

"Égua ela engordou muito depois que teve filho." Égua digo eu. Não acredito no cinismo de quem fala isso sem nunca ter lavado uma cueca do filho (maioria dos homens), ou de quem fala isso e já passou pelo mesmo aperreio. Essa parte é cruel. Aquele velho papo. Não são só os homens, as mulheres também vivem julgando outras mulheres. Acho que isso de rivalidade é porque rebaixando a outra, a coitada se sente menos coitada. Tipo: eu não consigo ser o ideal de mulher mas ela também não é. Essa paranóia mina nossas mentes nos fazendo vigiar umas às outras. Mas tem saída né. Ou pelo menos linhas de fuga. Quase todo dia a gente escapa (umas mais, outras quase nunca).



Sigo tentando organizar essas resistências do cotidiano porque sei que dá pra viver muito melhor do que eu, e a gente tá vivendo. Não quero perder muito o foco do texto, coisa difícil demais pra mim. Por isso me identifiquei com a cartografia da subjetividade e as ideias do Deleuze com o Guatarri: pensar é sempre seguir a linha de fuga do vôo da bruxa.

Então, seguindo o fluxo: a biografia, a cartografia da subjetividade e a organização de agendas pessoais. Já expliquei que vou fazer a minha própria cartografia (e agenda) como forma de relatar a minha história, mas também como um exercício comentado para facilitação, como se fosse uma oficina? Parece meio esquizo as vezes, mas é isso, um elogio à loucura.



Ou seja, se você, assim como eu, se sente atribulada(o), sem tempo, como se fosse engolida por um redemoinho ou moída na máquina da vida, a solução é tomar os meios de produção. Uma oficina com certeza não é a solução, como as propagandas de auto ajuda on line oferecem. Mas podemos pensar em criar os nossos meios de produção, incidir outros valores, outra organização. A Editora Gato Ed. (que fez essa chamada pra textos autobiográficos de mulheres, me motivando a escrever isso aqui) é exatamente esse espaço de criação e produção da resistência. Faz a gente se mexer, tipo, camarão que dorme a onda leva, conformismo pra lá.

A “oficina” propõe uma ajuda na organização pessoal para a resistência. Algo assim bem doméstico e global. Como nós somos. Partindo da cartografia, vamos elencar as áreas de afeto na nossa vida. Afeto como aquilo que nos atravessa, que importa, interfere no nosso bem estar. No meu caso: trabalho, espiritualidade, dois filhos (um bebê e um adolescente), família (mãe, sobrinhos, irmão, tios, tias, primas etc.), carimbó, saúde, cristais, amigas, yoga, artes, viagens. Tá bom. Se eu lembrar de algo mais depois acrescento. A questão é listar tudo que precisa ou merece nosso tempo. Isso é sobrevivência, mas também é política quando obriga a refletir sobre como nosso tempo é roubado por demandas que sustentam a lógica de vida capitalista, machista e branca. E nos adoecem. Que pessoas, lugares, trabalhos e padrões preciso tirar dos meus dias para colocar o que de fato me importa?



Lembrei de mais uma coisa muito importante que precisa de uma reserva de tempo: estudar. Tem outras coisas que eu gosto como plantas e artesanato que nesse momento histórico vão ficar pra outro momento histórico. Agora ler, ah... ler é urgência. Exercitar a mente, relaxar, conhecer ideias novas. Nem que seja duas horinhas a cada quinze dias mais meia horinha antes de dormir. Essa de antes de dormir é muito arriscada porque frequentemente eu não durmo, eu apago. Só acordo na hora que o neném demanda. O que pode ser dez vezes na noite ou até nem uma, como é raro, mas já começou a acontecer.

A primeira vez que eu fiz uma cartografia da subjetividade foi há uns dez anos. E foi massa lembrar dos meus sonhos, das coisas que eu sempre pensava que um dia ia fazer, queria muito, mas não conseguia botar em prática. Aí transformei os sonhos em projetos. Um belo slogan pra uma produtora cultural. Fui anotando o passo a passo do que eu precisava fazer e do que era possível começar a fazer. Escrever, colocar no papel, sistematizar e olhar a imagem do esquema ajuda muito.

Assim fui começando a estudar mais um pouco de música, cristais, fui criando tempo pra vida leve. Tirei certos hábitos e certas pessoas dos meus dias. Alguns cortes foram brutais. Final Cut, do Pink Floyd, foi uma trilha bem especial nesse período. Porque também, na moral, a gente perde muito tempo sem perceber. Botar no papel é bom pra saber que naquele dia e horário eu vou pegar minhas linhas enceradas e fazer colares com cristais ao invés de ficar gastando liga na internet, por exemplo. Ou bebendo em rolê nada a ver. Mas sim, com certeza um tempo pra gastar liga e ficar ligada é importante pra mim também. Então o horário do descanso e do rolê é sagrado.



Aí a gente vai desenhando uma espécie de mapa. Um esquema com palavras, afetos, desejos, prioridades. E vai se perguntando: o que eu quero nessa área? Como começar? Quando vai dar? Tem coisa que não vai dar, isso é bem provável, mas quem sabe por exemplo, se eu não conseguir fazer a especialização em culturas populares que eu tô querendo, eu posso pelo menos, assistir umas aulas, ou ler, ou escrever uma vez no mês sobre o assunto, até que mais pra frente, em outro contexto, eu possa fazer um curso. Até porque depois quero fazer doutorado. E preciso ir dando meus pulos.

Tem muita coisa que parece impossível mas a gente vai lá e faz. Lógico que já riram desse meu jeito de sonhar longe, me fizeram inclusive desistir de alguns sonhos, mas, como mulher de fé que sou, filha de Oxóssi caçador e Yansã guerreira, já fiz coisas bem especiais. E precisei de determinação pra isso.



Teve gente que deixou bem claro que achava que eu não chegaria a fazer o que já fiz. As pessoas subestimam as mulheres o tempo todo. Temos que lembrar dos nossos sonhos e ir caminhando pra eles. Ir encaminhando eles principalmente. Tem coisas que ficam pra depois mesmo, tudo bem, mas temos que ficar atentas pra não panguar diante de oportunidades, por menor que sejam. As vezes a gente pega uma fenda e rasga ela com nosso facão, vira logo uma brecha. Enfim, bora se lançar.

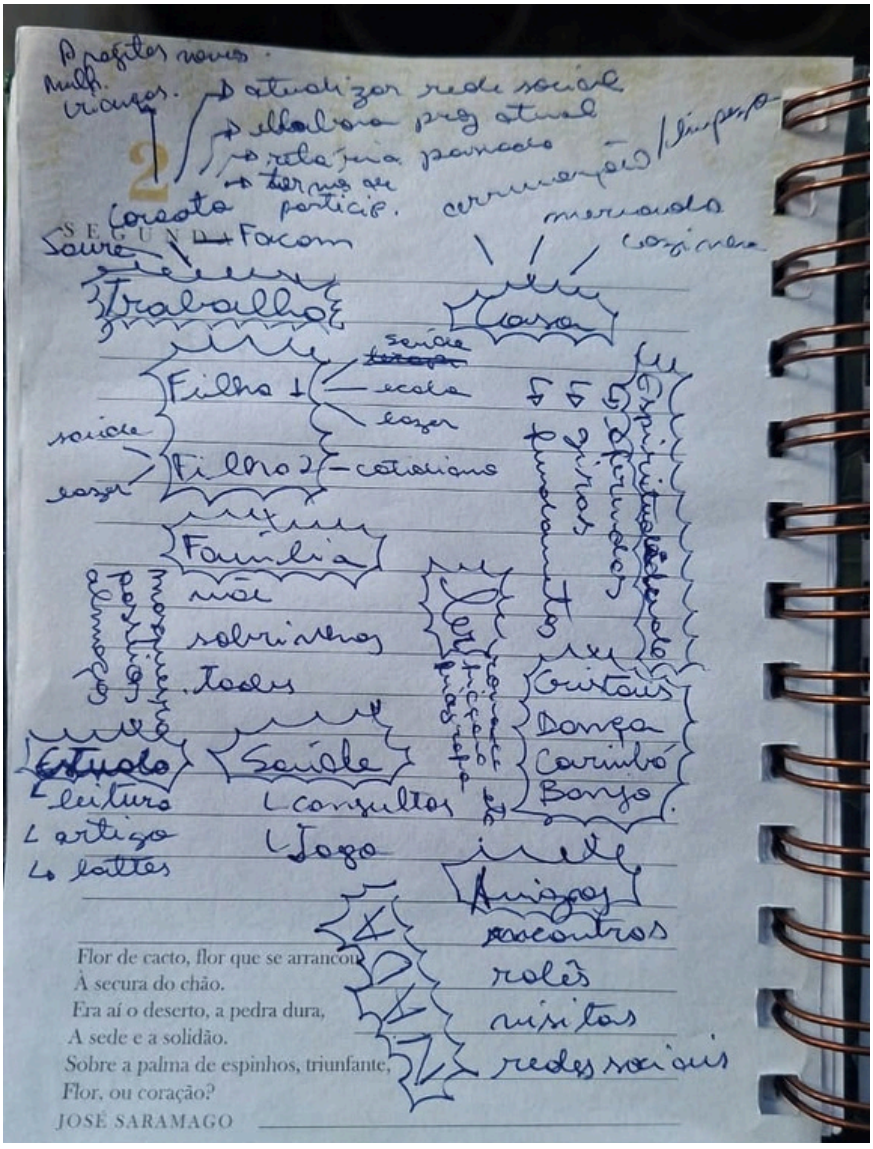


Hoje é outro dia, prazo final para envio do texto.

Na pressa, porque também já tô tomando o tempo do meu companheiro fazer as coisas dele, desenhei minha cartografia. Se não der pra ler direito, tudo bem. As palavras destacadas foram: trabalho, casa, filho 1, filho 2, família, espiritualidade, cristais-dança-carimbó-banjo, amigas, saúde, ler e estudo. E Nada. Muito importante. Eu consegui colocar um nada na minha agenda.



Na internet você encontra imagem de cartografias da subjetividade bem mais bonitas e organizadas. Da outra vez minha cartografia ficou bem mais desenhada também. Elas podem ser muito belas de se ver e se reconhecer. Um espelho onde você se vê plena. Mas essa aqui foi feita mesmo é na correria desse tempo que eu quero mudar. E a imagem também me diz isso.


Flor de cacto, flor que se arrancou
À secura do chão.
Era aí o deserto, a pedra dura,
A sede e a solidão.
Sobre a palma de espinhos, triunfante,
Flor, ou coração?
JOSÉ SARAMAGO




SEG
TER
QUA
QUI
SEX
SAB
DOM
DEGAS



A outra imagem é a base da minha agenda da semana. Fui pegando as palavras da minha cartografia e colocando nos meus dias, cada uma na sua hora. Depois essa agenda tem que ser detalhada por semana específica. Por exemplo, onde está "trabalho"[1] vai aparecer o que exatamente eu vou fazer nessa data, isso é básico na vida de uma produtora. Eu estou abaixo do básico há algum tempo. Outro detalhe importante, não deu tudo. "Ler" ficou "sem tempo", mas aqui e ali aparece uma horinha. De repente, tem o nada na agenda. Aí o nada já pode virar alguma coisa... E outra coisa, já vira nada...





Por exemplo, aqui seria o fim do texto.

Mas lembrei de um trecho que escrevi outro dia sobre um item que esqueci de colocar na agenda. Mas agora vai entrar. Voltei a estudar baralho cigano.

1-Não sei se alguém percebeu, mas "trabalho" aparece só quatro vezes na minha semana. Tenho carga horária reduzida garantida por lei e oficializada por portaria universitária. Explico isso porque, nessa mania de vigilância sobre a vida das mães, já teve gente bastante incomodada com isso.

O meu baralho foi preparado no terreiro. Tenho ele há uns dez anos. Passei muito tempo sem jogar, mas mantive ele no meu altar, junto da Ciganinha do Pandeiro e com um cristal em cima. Recentemente incluí uma cestinha embaixo dele onde ponho moedas quando a dona Ciganinha me ajuda, me aconselha... quando a cestinha encher, vou passar as moedas e outros objetos de agradecimentos que estão lá, para o fundamento da minha Lebara, Dona Cigana do Pandeiro. Eu a amo. Amo a história dela, o que ela representa, o poder dela. E o estilo também.

Descobri recentemente, fazendo exame de DNA pra ver ancestralidade, que tenho antepassados ciganos. Minha mãe me falava de um judeu cacheiro viajante que foi o pai da mãe dela. Ele namorou a minha bisa em Muaná, no Marajó. E foi embora.



Deixou uma jóia e o sangue judeu e cigano na nossa família. Lembrei disso quando vi uma cena da série Peaky Blinders em que um dos gangsters ciganos grita em um ataque contra nazistas: judeus e ciganos unidos! É... uma parte dessa história tá impressa no meu DNA. Foi nessa época de ascensão do nazismo retratada na série, que meu bisavô veio bater aqui. E com três meses de parida, minha bisa se foi. Fora do juízo, dizem. Aos 17. Depois de um encontro macabro com a Matinta. Ela amava festa e disque foi por isso mesmo, varando a mata sozinha na madrugada, que teve o ocorrido.

Voltando pro exame, lá aparece também uma parte de ascendência ibérica (Portugal e Espanha). E aponta minha ascendência americana (originária da Amazônia, América Central e Andina) e africana (povo Mandinga e de Magrebe principalmente). Uma misturona que não se trata de sangue e biologia. Pra mim, o DNA apenas evidencia o processo histórico de formação social e cultural que eu vivencio. Sempre senti viva pulsando em mim a ancestralidade entre os povos da floresta. De muitas maneiras se manifestou pra mim e em mim. Mas o que fazer com essa ancestralidade branca também?

Essa parte é difícil de entender. Até pra mim já foi. Digo isso porque já fui alvejada mais de uma vez nesse assunto. Pele clara, condição de vida mais estruturada que a maioria da população, mas militando em movimento popular, fazendo rádio comunitária em periferia, participando de ocupações, acampando com movimento por reforma agrária.



Mas também tem outras camadas... Quem ficou não foi aquele judeu, nem meu avô paterno que também era branco, nem meu pai ficou. A minha história é a história das mulheres que vieram antes de mim, como a história delas continua comigo. Elas que ficaram, fizeram a nossa história, sustentaram nossa existência. Os homens sumiram no oco do mundo e alguns faleceram.

Então minha avó criança caçava pra ajudar a alimentar os menores. Sobreviveu a escravidão doméstica de crianças vindas do interior pra Belém. Criou sozinha os filhos como operária de fábrica. Minha mãe cresceu na palafita na beira do igarapé, no tempo em que o bairro do Telégrafo ainda era mais natureza. Cresci ouvindo essas histórias de família.

Quando eu comecei a tomar consciência e me revoltar contra o racismo, lá pelo final da infância, começo da adolescência, me lembro de pensar assim na minha cabecinha de menina: eu não sou preta, mas o meu povo é. Anos mais tarde conheci o conceito de identidade de classe, racismo estrutural... de algum modo ainda criança parece que eu já sabia o que mais tarde ouviria muito no movimento: não existe luta de classe sem enfrentamento ao racismo, assim como sem feminismo não há socialismo.



Nasci no Rio de Janeiro em um bairro meio classe média e só aos oito anos vim morar no Pará. Meus pais foram pra lá atrás de emprego e depois de 12 anos tiveram que voltar, já comigo e meu irmão mais velho.

Viemos pra Cidade Nova, na época era chão de piçarra e tinha umas áreas só mato que as crianças diziam que tinha visagem. Com 8 anos, menina do Rio, não sabia nada sobre rios, florestas e encantaria, então pensava que aquelas crianças eram muito inocentes de acreditar naquilo. Porque de onde eu vinha, a nossa lenda era: se usar tênis caro vão amputar teu pé na rua pra levar teu tênis e se usar anel, vão amputar teu dedo. Visagens e amputações de rua. Para uns lenda, para outros realidade, eu não duvido de nada.

Minha mãe enfermeira, meu pai recomeçou em Belém como taxista. Eles trabalhavam muito e, apesar de mesmo assim ter dia de faltar o do busão, nossa situação era bem boa. Só não o suficiente pra me livrar dos constrangimentos nas escolas particulares onde estudava, mas passava boa parte do ano sem pagar. "Vai pagar a escola, caloteira". "Não te mete, ninguém te perguntou" eu respondia de cabeça erguida voltando pra cadeira com a carta de cobrança que a professora fazia a criança ir buscar na frente da turma. Uma maravilha pedagógica.

Assim, a escola me ensinou que eu não era da mesma "classe" daquela galera. Sempre teve um clima de não pertencer à turma dos granados mas ser considerada a granada entre os meus considerados. O que me leva de volta à teoria sobre o devir no fluxo contra o ser fixo. Minha identidade mudava conforme o espaço que eu ocupava. Nunca somos uma coisa só.



"Plebe!" Uma adorava me chamar. E essa mana, descobrimos depois, era filha da empregada da casa chique em que morava no centro. Mas, ela incorporava legal a "filha da elite", filha do pessoal de classe. Porém quem tem classe somos nós. Temos classe e luta de classe. A vergonha de se achar elite e votar na direita apenas por ter o básico pra viver, eu não passo.

Preciso do SUS (esperei mais de ano por um procedimento pro meu neném), dependo da segurança pública (gosto nem de lembrar o que já passei em delegacia), preço da luz, comida, remédio e transporte vive subindo, atravesso de uma cidade pra outra e volto quase diariamente pra trabalhar, garantir atendimento médico e por aí vai. Tem gente dependendo de aposentadoria do INSS e se achando elite. Mas se o governo cortar o benefício a pessoa fica na merda. Assim como uma vez minha chefia mandou cortar meu salário e eu fiquei como?

Sou mãe, cara, mãe trabalhadora, como não vou querer mudar essa zona que é o mundo? Mas desde lá na adolescência ouvindo rap e hardcore fui construindo uma identidade de revolta e orgulho da minha origem popular amazônica. Minha banda preferida foi Rage Against the Machine. Andava muito de preto, calça larga, camisa de banda, jeans rasgado. Mas com 15 anos também organizei minha primeira apresentação de carimbó. Ensaiei as crianças da rua e coordenei com um amigo uma festa junina com quadrilha e comidas típicas. Foi uma mobilização histórica na travessa WE 82. Essa fase tem história... Mas hoje vai ficar no “sem tempo”.



E então esses foram meus fragmentos de memória pra essa brincadeira psicopoelítica. Lendo e relendo o que escrevi, notei que esses dias eu estava bem tensa. Inclusive cortei vários trechos que já estavam demais. Numa próxima escrita quero já tá mais leve, falar mais das peraltices, das doidices e das vivências massa no carimbó.

Realmente, lá no começo eu tava certa. Esse negócio de autobiografia tem mesmo uma potência política e terapêutica. Agora só quero dançar, e meu nenenzinho tá dançando aqui na minha frente. Então tenho que ir! Obrigada Leila Leite pelo convite, obrigada Caranguejo Anarco por me dar mais tempo, e a quem chegou até aqui, muito obrigada também. Saudações carimbozeiras!




Dança

Eu sou,
Luane Freitas





Eu sou Luane Freitas Mendonça

Conhecida como Tia Luh ou Luh Freitas. Hoje tenho consciência de que sou artista, faço de tudo um pouco e gosto de estar sempre envolvida com arte. Vim aqui falar da minha trajetória (não tão grande ainda), a fim de inspirar e compartilhar anseios com minhas colegas feministas, mostrar que não estamos sozinhas. Poderia me limitar a falar somente da minha vida profissional, mas acredito que, confessando meus erros, eu me torno mais como a gente, mulheres, porque não é fácil ser mulher e não temos que ser perfeitas. Além do mais, gosto de ser bafônica. Minha primeira paixão foi a escrita; sempre muito criativa, eu inventava e reinventava histórias e, quando aprendi a escrever, passava tudo para o papel.



Depois de tanto ver os desenhos da Barbie e das princesas da Disney, fiquei inspirada para praticar ballet; eu realmente amava e sonhava em ser uma grande bailarina, mas os custos do ballet, na época, eram muito altos e, por motivos maiores, tive que sair da dança, mas sempre com esperança de voltar. Sempre pedia para me inscreverem em uma escola de ballet; no entanto, meus pais queriam que eu fizesse uma atividade, sim, mas não o ballet. Minha mãe gostaria que eu praticasse um esporte que, segundo ela, me fizesse crescer, pois tinha medo de que eu fosse baixinha, e meu pai sempre amou esportes, mas eu não era muito fã; tentei, mas não deu.



Quando fiquei um pouco maior e já perambulava por aí, eu mesma fui atrás do tal do ballet e me matriculei no NEL (Núcleo de Esporte e Lazer). Participei de dois espetáculos lá. O primeiro foi "O Aniversário da Princesa Eduarda": o castelo estava em festa, pois era o aniversário de 15 anos da única filha da rainha; chegaram vários convidados de vários reinos, cada um com um presente. A princesa ganhou caixinha de música, guirlanda de flores, leque... e, a cada presente, era uma coreografia. Eu participei de duas do corpo de baile: fiz uma das nobres do castelo e uma das espanholas. Dancei com o leque uma dança eletrizante e muito ritmada.



O outro espetáculo foi "O Baile da Bruxa Verusca": era Halloween, e a grande bruxa da floresta sombria preparava uma festa, em que convidava todos os encantados da floresta por meio de uma magia; quando soltou uma porção no caldeirão, surgiu um lindo vampiro que roubou o coração da bruxa, mas o que ela não sabia é que o vampiro era mau e queria matá-la a todo custo. A gatinha Ágata tentou livrar sua dona, mas não conseguiu, e o vampiro a levou. Sem saber o que fazer, Ágata recorreu à deusa do fogo do reino ao lado, que resgatou e salvou a bruxa.

Durante esse tempo, fiz 15 anos e pedi de presente um violão, porque certa vez, em uma aula de Português, o professor disse que violão era mais predominantemente praticado por homens. Meus primos tocavam violão; eu achava lindo, mas não pensava que poderia fazer o mesmo, até o dia em que fui desafiada por esse professor. Com meu presente de 15 anos e praticando aulas de ballet, passei boa parte da minha adolescência assim.

Por volta dos meus 17 anos, muitas meninas estavam falando em fazer o teste para escola de teatro e dança. Eu, que sonhava em ser uma bailarina profissional, fiquei interessada. A muito custo, fiz o teste para o técnico em dança clássica na ETDUFPA (Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará). Para minha surpresa, fui aprovada, para tamanha felicidade, mas logo tive que sair, pois, por conta de as aulas serem à tarde, não consegui conciliar com meu estágio da escola (estudava em escola técnica). Logo tive que estudar para o vestibular e larguei totalmente a dança. Além de que, nesse meio-tempo, os problemas ficaram mais ferrenhos: decepção com amigos, amores fracassados e constantes brigas em casa. Com a pressão para estudar, tive um surto psicótico em plena segunda-feira, em um dia de apresentação de trabalho em grupo na escola. De lá para cá, foram altos e baixos com minha saúde mental.



Vai e vem, aparentemente me estabilizei e iniciei os estudos em uma faculdade particular muito conhecida na época, e o amor, quando é verdadeiro, nunca morre; então, quando comecei a faculdade, voltei para o técnico na ETDUFPA, seguindo com a faculdade de Pedagogia. Estava conciliando a dança e a faculdade. Porém, tive outro surto, dessa vez na ETDUFPA. A verdade é que já vinha apresentando alguns quadros incomuns e, dessa vez, estava agravando minha situação com vícios. Cheguei até a vender meu violão para conseguir dinheiro para ir a festas; na minha cabeça, eu ia comprar outro depois. Estava passando mais tempo em festas do que estudando, e minhas notas estavam baixíssimas nas duas faculdades. Decidi sair de uma para ver se conseguia me recuperar de tudo isso e, como já tinha deixado o ballet uma vez, não quis fazer isso de novo; esperei o mês passar e não fiz minha matrícula na faculdade de Pedagogia.



Com toda a confusão que aconteceu na ETDUFPA, os professores disseram para eu me ausentar e me tratar. Fiquei um tempo afastada de tudo e variava entre dias bons e surtos. Entre 2019 e 2021, meu quadro foi piorando e fui internada em uma clínica psiquiátrica. Foram meus piores dias. Não sei se eu precisava passar por isso, se foi um carma ou se só colhi o que plantei; sei que, quando saí da internação, fui progredindo e tudo foi se encaixando para eu melhorar. Fiz um tratamento sério e significativo; minha família gastou muito dinheiro com meu tratamento e, apesar de tudo, nunca vou ter como retribuir tudo o que fizeram por mim.



A partir da minha melhora, voltei com a dança na ETDUFPA. Tentei alguns ENEM, mas sem sucesso. Com muita dificuldade, concluí o curso técnico de dança clássica na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

Foi uma experiência incrível. Nunca vou esquecer dos lindos espetáculos de que participei, como “A Fábrica de Brinquedos do Professor Aníbal”: esse ballet foi baseado em um ballet de repertório chamado Coppélia e adaptado para nossa realidade paraense.

Um professor que produzia brinquedos de miriti na cidade de Abaetetuba fez uma boneca em tamanho real, tão bem feita que agarrou o coração de um jovem da rua; porém, ele estava noivo e não sabia que era uma boneca. Aníbal fazia de propósito e colocava a boneca na janela para chamar a atenção do jovem e, assim, atraí-lo para dentro de sua casa e matá-lo, pois, acreditava que assim, iria tirar a vida do jovem e colocá-la na boneca. Mas ninguém sabia de seu plano mirabolante e macabro.



A noiva do jovem, Swanilda, já sabendo também da presepada do seu noivo, queria entrar na casa para desvendar a tal moça na janela. Certo dia, com suas amigas, Swanilda roubou a chave da casa e descobriu que ela era uma boneca e qual era o plano de Aníbal; então, ela atormentou a casa do velho, que ficou louco, salvou seu amado e se casou com ele. Eu fiz uma das bonecas no corpo de baile.

O outro espetáculo foi “Vidas em Retrato”: um ballet muito sugestivo, meio contemporâneo, meio moderno, meio neoclássico. Contava nossa história e realidade como bailarina, mulher e artista. O ballet teve até monólogos; inclusive, eu fiz o primeiro. Meu texto era realmente, como disse um espectador, um soco no estômago. Construí esse texto com um discente da licenciatura em Teatro. Não lembro exatamente as palavras, mas eu me indignava com o descaso conosco, artistas, e como somos vistos e tratados pela sociedade e, como mulheres, como somos assediadas e desvalorizadas por sermos bailarinas.



O espetáculo foi contemplado com diversas músicas da MPB, tanto as clássicas quanto as atuais, e eu fiquei muito feliz de participar dele e poder mostrar que o ballet não é somente uma arte para entretenimento, mas que também comunica, que é voz ativa e expressa dor, indignação, questionamentos e anseios; que fazer ballet, fazer dança também é um ato político, não somente uma arte de contemplação.

Nesse pequeno tempo que passei lá, aprendi mais do que em toda a minha vida com dança; também fiz provas em que aprendi a dançar sozinha e na ponta do pé.

Criei consciência de que sou uma artista, que o que eu fazia com o violão, com o ballet, com a escrita, é arte. E isso abriu minha mente para buscar meu lugar no mundo e querer cada vez mais fazer arte, me inspirar e me empoderar não só como mulher, mas como artista também. Eu entendi que não gosto de tocar violão, que não gosto de fazer ballet. Eu gosto de fazer arte! Abri minha mente para pleitear outras partes da arte que eu não via antes: fiz teatro no Curro Velho, vários; um deles era com professora que também é da ETDUFPA. Minha personagem era uma velhinha conservadora; outro foi com uma amiga que estava se formando na época. Era um teatro mais abstrato, em que eu caminhava pelo espaço cantando a frase: “Levo minha vida sem eternidade, minha liberdade tem algemas”.



Fiz também outras modalidades de dança e, hoje, mesmo com meu curso terminado na ETDUFPA, ainda tenho um enorme carinho por muitos profissionais de lá e frequento os projetos, além de dar aulas de expressão corporal na dança em um projeto na Paróquia São Raimundo Nonato.
Minhas aulas são baseadas em minha vivência enquanto artista; ponho um pouco de tudo o que aprendo e adapto para a realidade de cada uma, pois também acolhemos crianças PCD (pessoas com deficiência). Já trabalhei em um pequeno estúdio de dança, do qual hoje faço parte apenas como aluna da turma do combo de contemporâneo, jazz e ballet.



E ainda tenho muitos sonhos e muito a agregar nessa pequena trajetória. Hoje também continuo com o curso de Pedagogia e acredito em uma pedagogia de ensino artístico, em que todos possam aprender o que realmente importa: o seu lugar no mundo, a noção de espaço e do próximo e, de forma lúdica e divertida, apresentar-se ao mundo. Não desmerecendo outras áreas, como Exatas, História, Geografia, Biologia etc., mas vendo que podemos trabalhá-las de forma leve e que a arte é canal de transformação e conscientização; fazer arte é um ato político, pois o que seria do mundo sem a arte? Ser artista também é profissão.

Como disse o personagem Professor John Keating, em “Sociedade dos Poetas Mortos”: “Médicos e bombeiros salvam vidas, mas a arte é o motivo pelo qual se vive”.
Eu não me importo de ver a arte como entretenimento, pois é o motivo para a vida. É o que dá a graça de viver. E este pequeno texto é um pouco de quem sou, de quem fui e do que acredito. Aqui seguem algumas fotos da minha trajetória:





Monólogo do espetáculo "vidas em retrato"
no teatro Cláudio Barradas (arquivo pessoal)



Espetáculo "vidas em retrato" (arquivo pessoal)





Espetáculo "baile da bruxa Verusca" no teatro Gasometro (arquivo pessoal)





(arquivo pessoal)




Literatura

Eu sou, Joana Chagas



Nome, nascimento e travessia

Me chamo Joana Chagas da Silva — mas também sou Joaninha,
nome que pousa leve, mas carrega mundos.
Nasci à beira de um rio de águas escuras,
em Clevelândia do Norte, Oiapoque/AP,
no dia 23 de março de 1965 —
mas fui registrada no dia 24.
Carrego, portanto,
duas datas para celebrar a vida,
como quem nasce duas vezes
ou nunca termina de nascer.

Cheiros, cores e essência



Meu nome tem cheiro:
cheiro de mato molhado,
de oriza,
de água de rio corrente.
Minha voz é azul royal,
com gosto de flor de maracujá.
Guardo no olhar
não a dor —
mas o instante em que o sol se despede
e a lua desperta

minha mulher selvagem.
Minha história já teve gosto de lágrima salgada.
Mas eu escolhi outro sabor:
chá de erva-cidreira e alegria.

Ofício e encantamento

Sou licenciada em História —
mas isso é só parte.
Sou, sobretudo,
educadora de encantamentos:
conto histórias,
médio leituras,
rabisco palavras.
É assim que me reconheço:
tecelã de memórias e sentidos.



Nome trocado, identidade reconstruída

Fui, por um tempo breve,
Maria Joanina.
Meu pai trocou meu nome,
errou minha data,
e me deu outro sobrenome: Chagas,
herança do meu avô preto,
Conceição Chagas.
Doeu por muito tempo.
Hoje, não.



Raiz materna e território ancestral

Do lado de minha mãe:
Inácio e Almerinda,
meus bisavós indígenas,
habitavam Taparabú - Ponta dos Índios.
Minha avó Filó,
minha mãe Raimunda Chagas,
minha primeira morada de afeto.
Cresci sendo criança - como ensina Daniel Munduruku -
sem ainda saber o peso e a beleza
do território que me formava.

Saberes do cotidiano



Aprendi cedo:
respeito pela natureza
cura pela medicina ancestral
caça apenas para viver
comer em roda, no chão, em comunidade
Peixe com chibé.
Capitão amassado na mão da vó.
Comida dada na boca —
gesto que é mais que alimento:
é pertencimento.

Infância em movimento
Entre rios e caminhos:

viagens de ubá até Taparabú
corridas em chão aberto
banho de igarapé e cacimba
roça, mandioca, farinha, beiju
E à noite,
as histórias.
Meu avô contava
sobre os cães:
Ouve-longe, Rompe-mato, Quebra-corrente.
Nunca consegui repetir essa história.
Ela ainda me atravessa.



Povos e pertencimento

Em Oiapoque, reconheço caminhos que me chamam:
Povo Palikur
Povo Karipuna
Povo Galibi-Marworno
Minha família materna
pode ser Palikur ou Galibi —
e sigo na escuta,
costurando pistas,
refazendo caminhos.

Encontro ancestral com o povo Palikur (recente)

E então, o tempo fez curva.
No meu encontro recente com o povo Palikur,
algo em mim reconheceu antes da razão.
Não foi descoberta —
foi lembrança.
Os cantos,
os gestos,
o modo de olhar o mundo —
tudo dizia:
“você já esteve aqui”.
Hoje sei que o povo Palikur segue vivo,
resistindo entre o Brasil e a Guiana Francesa,
guardando língua, espiritualidade e território,
mesmo diante das violências históricas.
E eu,
em retorno,
vou aprendendo a me reconhecer sem pressa.



Raiz paterna e quintal de cura

Do lado de meu pai:
Macapá, rua Icoaracy Nunes.
Minha avó Maria Quirina,
também de raiz indígena e preta.
Seu quintal era floresta:
oriza
cipó d'alho
pião roxo
hortelãs
remédios vivos
Eu tinha asma.
Fui curada ali —
pelas mãos das avós
e pela ciência da terra.



Maternidade — continuidade da vida

Sou mãe de:
Amanda, Beatriz e Ana Clara.
Três rios que seguem correndo
para além de mim.

Avó — amor multiplicado

Sou avó apaixonada de:
João Pedro, José Eitor, Lluvia Ester, Cecília, Clarice e Valentin.
Neles, o tempo brinca de recomeçar.
Neles, eu volto a ser criança.
Ensino e reaprendo a "chamar o vento"

A ausência que também é presença

E há Tarsila —
minha Estela rebelde.
Minha neta que nasceu sem respirar o mundo,
mas respira em mim.
Sua ausência é dor,
sim- mas também é estrela acesa
num céu que só eu vejo inteiro.
Ela não viveu comigo,
mas vive em mim
como silêncio luminoso.

Caminho em aberto

Sigo escutando meus mais velhos,
recolhendo histórias,
reaprendendo meu nome.
Como diz Kaká Werá:
“o céu é a raiz espiritual de todos nós,
e a terra é sua contraparte material.”
Eu caminho entre os dois.
E volto — devagar,
mas inteira — para casa.



Por ora eu me aquieto aqui,
Nesses versos-vida sobre mim,
Que muito faço
E nada sei.
Sou aprendiz de todo dia,
Brincando de ser gente grande
Para seguir feliz.

Joana Joaninha 🐞 - a história

Joana não foi o nome que ela escolheu, não poderia
Tampouco foi o nome que quem a pariu escolheu.

Joana tinha a imposição do patriarcado
Do pai que determinava o nome das crias.
Joana era o feminino de João
João seu pai, Joana filha
A segunda filha e, filha mulher
Não, não era pra ser
Mulher - a que só traz vergonha
Não era pra ser, mas ela veio
E nas águas foi batizada e de Maria Joaninha foi chamada



Agora não bastava a gravidez ser negada
O seu nome também foi retirado
E de Joana a registraram

Não sendo suficiente
Líquida desde sempre
Brotada das águas
Para as águas tentaram fazê-la voltar

Mas, naquele momento
Uma luz negra e resplandecente
Veio e a salvou

Joana outra vez ressuscitou.

Apartada da família, até os quatro anos,
viveu nos braços de sua vó.

Dos quatro aos dezesseis foi seu tempo-sobrevivência
O seu nome ganha forma quando ouviu a história de uma
tal Joana D'arc, que foi queimada na fogueira por se recusar
a rezar na cartilha da inquisição

Fogo e água
Água e fogo

Dois elementos que se cruzam
Duas histórias que se encontram
E ganham razão de ser
fazendo-lhe compreender que a família toda era Nery, só
ela era Chagas



Chagas era sua mãe
Chagas era seu avô
Joana era Chagas
E então ela se amou.

Joana leu livros, ouviu histórias... perdoou
E pela oralidade Joaninha retornou
Para contar as histórias
Dos caminhos por onde andou.
Traz consigo todas as mulheres que no colo lhe acolheram.
De fogo ela se veste
De água se banha
E renasce todo dia
Pela força do Universo.

Joana Chagas - Joaninha 🐞
Riscos & Rabiscos de (Ré) Existência

BREVE TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Quem sou?



Sou Joana Chagas, mulher indígena/PA, moradora da Ilha de Cotijuba, contadora de histórias e mediadora de leitura, brincante com a dança da vida, cantadeira de cantigas de roda e, rabiscadora da palavra poética, que traz consigo a wyka kwara (força no caminhar) para se evitar a queda do céu.

O que faço?

Filmes

Direção e performance do/no documentário “Tempo e Ancestralidade - O apagamento de pessoas indígenas” - Ano 2024

Participação no documentário “O jardim de Seu Cardoso” - Episódio 04 - Ano 2021;

Atuação no Documentário “Memórias do Brasil” - Episódio “Dona Onete” - 2023.



Redes e Projetos

Coletivo Nacional Mulherio das Letras Indígenas

Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias /RNBC

Rede de Bibliotecas Comunitárias Amazônia Literária

Ponto de Cultura BCI BombomLER


Biblioteca De Icoaraci - Projeto “Bibliotecas Ribeirinhas”


Academia de Letras de Belém / ALBEL, Cadeira 23 - Povos Originários


Associação Multiétnica Wyka Kwara


Editora e Instituto Gato Ed

Livros Lançados/Participação 


Mulher de Bigode:
Autora: Joana Chagas
Ilustração: Érica Corrêa Monteiro- Ed. Cromos
2026 (em Fase de produção)




O dia em que aprendi a chamar o vento
Autora: Joana Chagas
Ilustração: Érica Corrêa Monteiro
Ed. Cromos - Ano 2024.

Antologia Mulheres Vivas - vozes que não se calam
Texto “Ribeirinha” - p.18 - 19.
E-book. Org. Leila Leite : Ed. Gato. Belém. 2026

Coletânea “Vozes das Filhas da Terra”
Ebook para a Cop 30
Org. Vanessa Guarani Ratton
AMARÉ Editora. SP. 2025

Mini livro“Mãos que cuidam” :
Autora: Joana Chagas.
Fotografia: Joana Chagas
Ed. Gato. 2025



Redes Sociais Locais - Ambientes de aprendizagem pública
Texto “Casinha de Areia”. P 45. 2025

Coletânea:
Égua da Cidade um Um mapa afetivo de Belém do Pará - Estação Para Sempre Mairi -
Editora AD. 2024

Álbum Biográfico Guerreiras da Ancestralidade - Ganhador do Prêmio Jabuti
Categoria de Fomento à Leitura - Texto “Mulher do Povo de Pedra”: Ano2023

As interfaces possíveis no processo ensino aprendizagem de línguas e culturas -
Artigo l“Práticas decoloniais no processo de ensino aprendizagem: caminhos possíveis entre a formação inicial e as bibliotecas comunitárias” - p. 233 - 251- Ano 2021

Ebook Igara e o Povo das Águas
Texto “Respeito” - Ano 2021



Percursos Formativos “Saberes das Bibliotecas Comunitárias - Articulação” - Vol. 1 - Ano 2019

Publicações em Revistas

Revista Ruido Manifesto - Poema “Profusão* - Ano 2024

Revista Alinhavos Vol 2 N* 5 - Poema “Infeliz Lusitânia - Um poema sem fim na luta contra a invisibilidade indígena” - Ano 2022.

Participação em Feiras Literárias 



Feira Pan Amazônica do Livro e das Multivozes: Anos de 2016, 2019, 2022, 2023, 2024 e 2025



Flix - Festa Literária Internacional do Xingú: Anos 2023 e 2025



FLIG - Festa Literária do Guamá: Ano 2025



Eu sou, Ipê - Isabelle Pires



IPÊ DA VIDA

Quero mostrar através de ti
As histórias que a vida me dá.
Raízes fortes
Fincadas em solo fértil,
Fazem surgir rumo ao céu
Um DNA de conexões.
Têm aprendizados dolorosos,
Têm encontros fugazes,
Porém maravilhosos.
Vidas entrelaçadas,
Experiências compartilhadas.
Uma trajetória marcada
Por muita dor,
Desengano,
Desilusão,
Tristeza,
Porém o que me sustenta
E me faz crescer
É o amor.



Esse amor se revela no lugar mais alto:
Os galhos de minha Ipê
Onde flores suaves e delicadas
Ficam expostas ao vento,
E no momento necessário
Soltam-se para colorir e nutrir o solo
Que realimentará esta forte e ainda assim
passageira
Árvore da vida:
A Ipê.

Ipê - Isabelle Pires
20-11-2022 às 19:28



Biografia (Porquê Ipê)
Ipê - Isabelle Pires

Filha da Terra, nascida na Amazônia, Isabelle Pires Costa, descobri que sou Ipê, ipê roxo, Ipê, pois meu nome abreviado num jogo de letras me fez ver um I. P. (Ipê), árvore que eu já admirava antes mesmo de saber seu nome. E assim revelou-se minha "personárvore" que faz brotar poesias no lugar das flores.

Na cidade onde nasci e vivo, há muitos ipês, este símbolo brasileiro, e assim como eles também floresci em Setembro, no dia 2, em 1974. Devido ao clima equatorial, os ipês daqui não produzem tantas flores. Então deixaram para mim, Ipê Dos Santos, a missão de exagerar no corpo, na voz, nos cabelos, no choro, na liberdade, no coração.



Muito falante que sou, sentia-me como aquele ipê profuso que espalha flores pelo chão e até incomoda a alguns passantes que não têm olhos para plantas e cores. E pensei que, inconscientemente, desenvolvo a arte de pouco escrever, mas em poucas palavras fazer pensar, querer muito dizer (como Paulo Leminski e Manoel de Barros). Por isso minhas poesias geralmente são pequenas como as florações dos ipês de Belém.

Maio/2019

Quando digo que a arte aflora em mim,
Quando digo que da arte nasci,
É sobre tudo isso que digo:...
Meu nome abreviado é I.P. Costa (Ipê Costa).
Meu primeiro nome é ISABELLE
Consagrada à Deusa/Deus (Amor).
Sou PIRES
Para apoiar a todos;
Pires, "o namorado da xícara", como costumo brincar;
Pires para proteger a toalha,
Quando por descuido ou acidente,
Alguém derrama o chá ou café.
COSTA para me proteger
E não ser constantemente alvejada
Por setas de traição,
Mentiras,
Ingratidão,
Injustiça,
Desrespeito.



Durante 23 ciclos solares fui dos Santos.
Foi um tempo de aprendizado, onde fui preparada para servir à Luz.
Eu era dos Santos.
Mas agora, dona de mim, sou de todos e de ninguém.
Sou de todos que escolhem como caminho

A Verdade,
Os que desejam amor e bondade.
Deusa/Deus Amor quis assim.
Mas fico estupefata
Que até meu primeiro nome
Sozinho poetiza.
Poetiza em Hebraico,
Português,
Inglês
E Francês.
Poetiza como ISA
("casta", "pura", "Deus é salvação" ou "dádiva de Ísis" - a Deusa filha do deus Geb e da deusa Nut)
Poetiza como BELLE
Que nem precisa de explicação.
Poetiza com SABE
Meio do nome.
Meu nome diz que sabe,
Mas somente a Verdade!
O meio do meu nome
Sabe que de nada SABE!
Brincando com as duas primeiras
E as duas últimas letras fico IS-LE, ISLE.



Isle, é Ilha em inglês...
E realmente também sou ILHA.
Ilha bellíssima,
Encantada,
Forte e frágil,
Exótica,
Perigosa!
De dia ISLE é fascinante,
Fofinha,
Colorida,
Acolhedora.
De noite ISLE é misteriosa,
Imprevisível,
Sombria,
Até ardilosa!
Por isso digo
Sou Multidão!
Em mim
Mil fases
Mil faces
Mil deusas
Mil demônias



(In)tensas
(In)contidas
(In)decentes
(In)convenientes.
Eu Sou!
Ipê - Isabelle Pires
15-10-2022 às 03:16

Dos doutores
Dos mestres
Dos presidentes
Dos líderes religiosos
Dos líderes comunitários
Das damas da sociedade
Das primeiras e vice primeiras damas
Não quero olhares
Não quero elogios
Não quero prêmios
Não quero reconhecimento.
Desses seres que arrastam seus fardos emplumados
Só quero indiferença.



Mas se é para receber alguma menção
Ou elogio
Ou admiração
Que seja dos renegados
Dos indigentes
Dos velhinhos
Dos loucos ignorados
Dos animais abandonados
Das criaturas selvagens.
Que me saúdem as abelhas com seus zumbidos e seus ferrões.
Que me percebam as formigas, as borboletas, as aranhas, os mosquitos.
Que me chamem aos seus festejos as plantas, os musgos e até as folhas caídas e já secas.
Quero o regozijo do que é nada.
Quero a felicidade do silêncio.
Quero a paz do esquecimento que só a Natureza é capaz de proporcionar.



Ipê - Isabelle Pires
05/02/2019

Eu sou, Rosa da Terra



Terezinha do Socorro Reis Rosa

Terezinha do Socorro Reis Rosa, conhecida artisticamente como Rosa da Terra, é escritora, artista plástica e compositora paraense. Sua obra transita entre a palavra e a imagem, revelando uma estética profundamente ligada à memória, à afetividade e à identidade amazônica.

Atua na poesia, crônica, microconto e prosa poética, explorando o cotidiano como espaço de sensibilidade, pertencimento e resistência. Sua produção também se estende às artes visuais, com trabalhos voltados à educação, à cultura popular e à valorização dos territórios de Belém e Ananindeua. Foi vencedora da primeira edição do concurso de artes visuais da EGPA Pará, reconhecimento que consolida sua presença no cenário artístico institucional. Possui textos selecionados em antologias nacionais e segue construindo uma trajetória marcada pela ancestralidade, pela expressão criativa e pelo compromisso com a arte como forma de transformação.



A Morte de Sofia

O ônibus seguia sacolejando pela avenida, abarrotado de gente. O calor parecia escorrer das paredes de metal, misturado ao cheiro de gasolina e suor. O cobrador, com a voz já cansada, gritava:

— Vamos, senhores, apertem-se mais aí no corredor... ainda cabe passageiro! Ninguém acreditava, mas, de algum jeito, sempre cabia. Foi nesse aperto que uma abelha entrou pela janela aberta e pousou no ombro de uma senhora. Muitos se assustaram, mas ela, tranquila, afagou o inseto como quem acaricia um animal de estimação.

— Essa abelha tem nome. Chama-se Sofia — anunciou, sorridente.



A moça ao lado arregalou os olhos. — Nome? A senhora deu nome pra uma abelha? — Claro. Sofia sempre me acompanha. Até suco eu divido com ela, bem adoçado com açúcar.

O ônibus, antes barulhento, foi silenciando. Quem estava sentado se inclinava para ouvir melhor; os que lotavam o corredor não arredavam o pé, só para acompanhar aquela história inusitada.

— Mas como é que se cria uma abelha? — insistiu a moça.

— Fácil, minha filha. É só ter paciência, amor... e bastante açúcar.

O riso começou tímido, depois tomou conta do coletivo. A cada frase, Sofia ganhava mais vida, mais importância, quase um membro da família.

Foi então que o inesperado aconteceu: o pneu dianteiro estourou com um estrondo.

O motorista encostou o ônibus, e todos desceram resmungando.

Entre o calor e o atraso, só havia uma figura serena: a senhora, que ajeitou Sofia no ombro como quem carrega um papagaio.

— Vamos, Sofia, no próximo coletivo continuamos nossa viagem.



E lá se foi ela, seguida de perto por vários passageiros curiosos que não queriam perder a continuação daquela amizade improvável.

No novo ônibus, a cena se repetiu. Quem não conhecia a história estranhava:

— Mas essa mulher anda com uma abelha no ombro? E os que já estavam na primeira parte da viagem respondiam, divertidos:

— Essa aí é a Sofia, companheira dela

O episódio já era uma novela improvisada, e todos esperavam o próximo capítulo.
Até que o desfecho veio de forma cruel. Um rapaz, incomodado com o burburinho, pegou um pano e esmagou a abelha contra o ferro do banco.
— João! — gritou a senhora, em pranto. — Você matou a minha Sofia!
— Mas... eu não sabia que era sua amiga... — murmurou o rapaz, sem graça.
— Amiga? Sofia era da família!
O silêncio foi pesado. A senhora recolheu o pequeno corpo da abelha e improvisou um caixão numa caixinha de palitos de fósforo. Com cuidado, ajeitou-a lá dentro e anunciou:



— Hoje à tarde farei o enterro da minha Sofia. Vou levar flores do meu jardim.
Alguns debocharam:
— Até enterro de abelha agora? Mas outros ficaram sérios, respeitosos, como se realmente participassem de um velório.

A senhora guardou a caixinha na bolsa, enxugou as lágrimas e completou:
— Assim que chegar em casa irei preparar um novo suco com açúcar para uma nova Sofia... que se chamará Júlia.
O ônibus voltou ao seu barulho normal, mas nada parecia o mesmo.
Desci no ponto seguinte com a sensação de ter testemunhado um drama íntimo e absurdo, em que até uma simples abelha teve direito a nome, funeral e luto.

E percebi, rindo sozinha, que até nos lugares mais apertados da vida sempre há espaço para um pouco de imaginação



Eu sou, Maria de Nazaré Barreto Trindade

Moara



Uma escritora imprecisa

Pássaro
impreciso
esse corpo carrega a realidade
anda, para e pensa
apalpa a essência
escreve
presente
e cansa.

Alzira Rufino

Para início de conversa...



Alzira Rufino (1949-2023), escritora paulista nascida na cidade de Santos-referência do movimento negro no Brasil, na luta contra a violência à mulher, fundadora da Casa de Cultura da Mulher Negra encantou-se em 2023. A ela presto minha homenagem e peço licença as minhas mais velhas e velhos de onde eu vim, do encantamento dos igarapés onde molhei meus pés, e aos mais novos com quem compartilho esse momento presente.

Peço licença para fazer da palavra escrita /ato- pô-la em movimento

Falar, mas também escutar e ser neste momento aquela que como Rufino, “anda para pensa e cansa” que “escreve presente” e narra um pouco de sua trajetória neste e com o mundo e ainda escuta as críticas possíveis e bem-vindas. Sou Afro-amazônica. Portanto carrego no corpo e na alma os traços diacríticos dos povos indígenas que habitaram e habitam este território e ainda daqueles que vindos de além-mar das áfricas nos deixaram o legado de histórias, de cantos. Do batuque. Da dança.

Assim me apresento: Militante da esquerda. Professora. Mãe de três inteligentes mulheres, a quem acompanho em suas aventuras e desventuras neste mundo. Sou Maria de Nazaré Barreto Trindade (conhecida por Moara Barreto). Nasci nestas verdes paragens amazônicas-filha de caboclos de Mosqueiro- José e Francisca. Foi nas águas frias do igarapé do Cajueiro, onde vivi parte de minha infância e adolescência, e na casa da vó paterna Benedita que escutei, nos serões na grande varanda, as primeiras histórias de assombração que estimularam a minha imaginação. Mosqueiro, espaço geográfico e afetivo que povoou desde cedo meu imaginário para a escrita. Assim me construí leitora e escritora.



Minha primeira graduação foi em Matemática. Era uma aluna impecável na compreensão dos enigmas matemáticos e, assim, durante anos lecionei a disciplina para as classes do noturno.

Porque entrei no curso de Matemática?

Um dos motivos foi a necessidade de trabalhar, era com o conhecimento matemático que atendia alguns alunos no meu bairro com aulas particulares. Mas meu sonho mesmo era arquitetura pois desenhava desde pequena, mas não rolou...assim, a minha história acadêmica no ensino superior começou propriamente na década de 1980 do século XX. Naquela época os cursos de graduação da área de exatas eram pouco procurados por mulheres, tanto é assim que na minha turma éramos duas apenas. Vivíamos a transição da ditadura militar para um regime democrático no Brasil – deste modo, além de filiada e militante de um partido de esquerda- Partido dos Trabalhadores, ingressei também na direção do Centro Acadêmico de Matemática (CAMAT) e numa célula de bairro do MCR.



Tínhamos àquele momento tarefas importantes e uma delas era a mobilização dos estudantes em torno da luta pela meia passagem, da resistência ao governo autoritário dos Barbalhos e à organização em torno do Movimento das Diretas Já. Possivelmente por esse conjunto de questões e interesses e pela reflexão em torno de um ensino de Matemática que problematizasse a realidade e não fosse apenas um conjunto de algoritmos e regras aos quais os alunos deveriam seguir, fiz um TCC que versou sobre o ensino dos números, a construção histórica e social da matemática.

Seguindo esse percurso trilhei em busca de um mestrado em Educação Matemática ou em etnomatemática, pelo interesse em saber como outros povos representavam os números e contavam. Não havia em Belém. Por essa época já estava professora da rede Municipal de educação e como trabalhava com o noturno algumas questões estavam sempre me preocupando, uma delas era como tornar a aula atrativa para alunos que trabalhavam o dia todo, quais metodologias seriam importantes para desenvolver as aulas. Desse modo problematizava a matemática. Mas sempre foi bem difícil lidar com essas questões.



Sentia que faltava algo na minha formação-aprendizados mais metodológicos, didáticos, temas da pedagogia. Foi assim que resolvi então fazer uma especialização. Fui selecionada para o III Curso de Educação e Problemas regionais no Centro de Educação da UFPA. Curso de 450h, com bolsa. Conclui o curso em 1988 que, entre outras coisas, me possibilitou ampliar o olhar educacional nas perspectivas da democratização do acesso à educação, da qualificação da educação pública, enfim foi um curso que primava pela discussão teórica e pela participação política, sempre na perspectiva do aprimoramento do conhecimento e do subsídio para atuação na regência de classe ou outros espaços educacionais. Eram tempos da discussão acerca da filosofia do educador Paulo Freire, Moacir Gadotti, entre tantos outros que compuseram o meu repertório de conhecimento para enfrentar as questões em torno da educação municipal.



Por essa época tornei-me militante do movimento popular, participei de algumas reuniões do MMCC-Movimento de Mulheres do Campo e da Cidade e iniciamos um trabalho de discussão política com mulheres no bairro de Val-de-Cans, temáticas variadas, sexualidade, maternidade, participação política, direitos sociais.



Nesse contexto uma das maiores dificuldades das mulheres no bairro era a inexistência de locais para deixar os filhos menores enquanto trabalhavam, por isso algumas das senhoras com quem reuníamos disponibilizavam suas casas para acolher algumas crianças do bairro– denominavam-se de mães-crecheiras. Entrei neste mesmo período no MLPA[1]- Movimento pela Libertação dos presos do Araguaia. Reuníamos na igreja de São Sebastião- onde tirávamos orientações para continuidade da luta em torno da libertação dos presos do Araguaia, fizemos algumas manifestações e visitas coletivas aos presos, pressionando por sua libertação.



[1]O MLPA- Movimento pela Libertação dos Presos do Araguaia- movimento de cunho politico e religioso que aconteceu em 1981 por ocasião da prisão de 13 posseiros e dois padres que tinham uma ação na região de Conceição do Araguaia. A questão fundiária no Pará continua na agenda de uma das maiores problemáticas sociais e lugar de execução de inúmeros lutadores pela reforma agrária e pelo bem viver no campo.

Neste mesmo contexto participei do momento de formação nas lutas sociais, pelo Direito de Morar e posteriormente também no MDV- Movimento em Defesa da Vida, discutíamos à época a construção das eclusas de Tucuruí. Nessa mesma conjuntura um grupo de ativistas do Partido dos Trabalhadores (PT) fundamos o Núcleo de base do PT "Nossa Luta" que teve uma inserção no bairro e na chamada baixada de Val-de-Cans, orientando reivindicações, manifestações e reuniões com o poder público em busca de melhoria nas condições sociais- a falta de água recorrente nos conjuntos residenciais da área- o precário saneamento e a insegurança. Aquele momento eu morava na área de atuação e compunha a diretoria do principal Centro Comunitário- o CCP-Providência. Por essa época era professora de uma escola municipal da área e participava da subsede 1 do Sindicato dos Professores – SINTEPP.



Alguns anos depois, já em 1996, fui aprovada para o Mestrado em Educação e Políticas Públicas, vinculado ao Centro de Educação. Meu projeto versava sobre um estudo comparativo dos Sistemas de Avaliação da Educação Básica de dois países Brasil (SAEB) e Argentina e era orientado pelo professor Carlos Lima do NAEA. Ao final do primeiro ano tive que me afastar em função de uma grave doença que demandou cirurgia, quimioterapia e que me abalou bastante. Adiei o mestrado e me afastei para tratamento e retorno ao trabalho.

Aqui me permito uma digressão. Por essa época já sou mãe de três meninas e ser mãe é bem o que diz um dos textos que abrem a exposição organizada pelas artistas plásticas Isabel Löfgren e Patrícia Gouvêa em São Luís em 2019. Elas estabeleceram outro olhar sobre as mães-pretas, aqui faço um recorte,

> **Ser mãe é algo que rasga a pele e inscreve cicatrizes profundas. É habitar sua própria história e, ao mesmo tempo, viver fora de si mesma.** Uma das mais dolorosas histórias da nossa humanidade é a história das mães pretas, as amas de leite que a escravidão criou por necessidade do alimento primordial. Mulheres escravizadas foram tornadas em puro leite negro (São Luiz, 2019).



A socióloga e pensadora sobre o Brasil e suas relações raciais Lélia Gonzalez diz em um de seus livros que a mãe-preta é um sujeito suposto saber, o que lembra Maria Firmina que, como professora considerada leiga teve uma atuação efetiva na sociedade de São Luiz criando uma escola mista para crianças pobres em Maçaricó e se expressou desse modo sobre a escravidão: Oh a mente! Isso sim ninguém pode escravizar (Texto de Maria Firmina dos Reis, 1869).

Retornando a narrativa vivíamos em Belém a experiência de um governo democrático e popular. Tempos de muita aprendizagem e desafios. Tempos cabanos. Nestes anos, como pesquisadora da Secretaria Municipal de Educação elaboramos pesquisas sobre os impactos de programas sociais na Educação - Bolsa Escola e outros projetos que relacionavam a aprendizagem com as novas orientações da Gestão Cabana e do Sistema de Ciclos. Nesse percurso muito conhecimento e participação em diálogos sobre educação foram agregados ao meu histórico pessoal, acadêmico e social. O governo municipal tinha vários projetos voltados a cultura e a valorização dos servidores públicos foi assim que publicamos um livro de bolso com poemas,



BELÉM sem rima

Belém
De todas as cores
Odores
Suores
Vicejas
Postada como rainha
No verde amazônico

Belém do rio Guamá
Cujas águas escuras
Guardamsegredos
Mistério de boto
Tranças, tramas
Desejo
Teu beijo
Alcança as estrelas
Tramas teu ódio
Vicejas manhãs
Alvores
Rubros
Cantares do povo!



Apesar de escrever desde adolescente. Minha entrada na literatura tem uma história que remete à década de 2000 quando participei com alguns escritores de Belém da criação do Clube do Escritor Paraense (CEP). Durante dois anos nos reuníamos na praça Batista campos e produzíamos encontros sobre autores e autoras da Literatura Brasileira intitulado Café com verso e prosa e ainda publicamos dois livros de poesias. Um deles foi Brasil: 500 anos. Do qual retirei esse fragmento:

BRASIL- OUTROS 500

Somos um povo
somos uma nação?
somos cidadãos?
De onde vem nossa alegria
do samba, do futebol?
da Xuxa, novela das oito?
Da rede globo? Misteriosa invenção
De onde vem nossa angústia?
da fome? Do desemprego?
Dos meninos sem rua? Sem lua?
andrajosos meninos
arrancando das calçadas pedaços de sua alegria?
De onde vem nosso medo?
esta dentro de nós
onde está a nossa voz
quem se fez do povo?



Então naveguei para as Letras

A paixão por literatura me impeliu a fazer outro curso de graduação. Em 2005 ingressei no curso de Letras, ênfase em Língua Portuguesa.

A graduação em Letras e, posteriormente, o Mestrado em Estudos Literários (PPGL) abriram meu horizonte reflexivo para questões ligadas às categorias identidade, cultura e memória. Além de alimentar a curiosidade de entender mais a literatura e o pensamento sobre e na Amazônia[2]. Durante o curso tivemos contato com os romances de Inglês de Sousa e de Dalcídio Jurandir. Apenas notícias breves, obtidas em encontros que participamos durante a graduação- caso do EPEL- Encontro Paraense dos Estudantes de Letras e outros seminários discentes.

Na disciplina Teoria do Texto Narrativo obtivemos algumas informações sobre a literatura produzida por estas paragens. A leitura de um conto "A Feiticeira" do escritor de Óbidos, Herculano Marcos Inglês de Sousa foi a mola impulsionadora do interesse das pesquisas que posteriormente desenvolvemos.



[2]A Amazônia no espaço brasileiro. "O Brasil possui 63,4% da Amazônia sul-americana, e a Amazônia brasileira corresponde a mais da metade do território nacional, estendendo-se até os estados do Mato Grosso, Tocantins e parte do Maranhão, ela não se confunde com a Região Norte, que é uma divisão político-administrativa para fins censitários" (Becker 2001:9).

A forma e o conteúdo impressivo do conto que tem como enredo central o confronto de duas identidades: o branco, representado por um jovem delegado recém-formado em direito que cria na ciência e não acreditava “em crendices” e uma velha tapuia- uma mulher forte chamada Maria Mucuim- a quem se atribuíam poderes sobrenaturais –, e se transformou em uma velha alquebrada com um dente só, devido ter segundo o senso-comum mantido um relacionamento carnal com o vigário de Óbidos.

O confronto entre essas duas identidades constitui o mote para a compreensão das relações que se deram nesse espaço de colonização. A personagem Maria Mucuim aparece pela primeira vez no romance O Cacaulista:



> A Maria Mucuim era uma velha magra e quebrada pelos anos, de cabelos grisalhos, olhos pequenos, maçãs salientes, e boca, que quando ria deixava ver um dente comprido e negro; vestia saia de chita e camisa de americano, pisava descalça. E do pescoço pendia-lhe, presa num cordão escuro, uma multidão de bentinhos e figas de todas as cores e tamanhos.

> Os dedos longos e magros estavam cobertos de memórias, e a rara cabeleira, áspera e corredia, presa no alto da cabeça, em forma de periquito, por um enorme pente de tartaruga, como esses que ainda se encontravam até pouco tempo, e que são comuns no interior das duas províncias ribeirinhas do Amazonas.

O diálogo com o conto “A feiticeira” realizado à luz da perspectiva dos Estudos Culturais (EC) tornou-se um artigo e posteriormente compôs o Trabalho de Conclusão de Curso, tendo como tema central essa identidade-tapuia, intitulado: “Maria Mucuim, a feiticeira do Paraná-mirim de cima: um Estudo sobre a não permanência identitária de povos indígenas do Pará oitocentista”.



Para trilhar esse caminho literário foi muito importante o meu percurso e crescimento como leitora , a leitura dos clássicos – a compreensão em torno das questões de gênero e étnico-raciais , mas principalmente a forma como me apaixonei pela literatura latino-americana – “Cem anos de solidão” foi como uma chave na abertura de perspectivas mais críticas sobre a vida neste continentevilipendiado por relações de trabalho capitalistas desiguais, pela exploração de nossas riquezas e empobrecimento da população local. Pela própria história da militância havia acumulado alguma leitura no campo da esquerda- Livros de Lenin, Marx, Trotsky, etc.

Para trilhar esse caminho literário foi muito importante o meu percurso e crescimento como leitora , a leitura dos clássicos – a compreensão em torno das questões de gênero e étnico-raciais , mas principalmente a forma como me apaixonei pela literatura latino-americana – “Cem anos de solidão” foi como uma chave na abertura de perspectivas mais críticas sobre a vida neste continentevilipendiado por relações de trabalho capitalistas desiguais, pela exploração de nossas riquezas e empobrecimento da população local. Pela própria história da militância havia acumulado alguma leitura no campo da esquerda- Livros de Lenin, Marx, Trotsky, etc.



Por essa época pude perceber que no curso de letras havia poucos projetos voltados para a literatura produzida na Amazônia. E os que existiam eram voltados para autores clássicos do cânone literário brasileiro, Guimarães Rosa, ou entre os paraoaras, Dalcídio Jurandir, além de alguns trabalhos sobre a poesia de Max Martins. Em relação a autores afrodescendentes ou dentro de alguma temática relacionada às questões étnico-raciais as incursões ainda são muito restritas e geralmente trazem para foco o nosso poeta jurunense Bruno de Menezes (1893-1963).

Posteriormente, em decorrência da minha inserção na crítica literária, alguns trabalhos foram organizados em uma coletânea que recebeu o prêmio literário para ensaio "Dalcídio Jurandir 2015". Além destes trabalhos, tive oportunidade de desenvolver uma reflexão acerca da relação literatura e antropologia que redundaram na elaboração de um artigo com o título: Fronteiras étnicas no "Relato de um certo oriente": controle, silenciamento e apagamento sociais.

Terminei o mestrado em 2013 e fui amadurecendo um projeto de continuidade dos estudos. Participei de alguns eventos acadêmicos que contribuíram bastante para a reflexão que vinha fazendo e para obter referências bibliográficas, inclusive o Neáfrica, em São Luís, quando me aproximei do movimento feminista e pude me inteirar das discussões acerca das questões étnico-raciais, em especial as questões em torno da interseccionalidade raça, classe e gênero.



No percurso da minha escrita sobre a literatura brasileira e da Amazônia aproximei-me das discussões sobre a literatura negra e feminista. Li algumas obras literárias, entre elas, Um defeito de cor de Ana Maria Gonçalves, que em sua estreia como escritora realiza uma obra de porte considerável tecendo no romance a intensidade e a capacidade de buscar a história "a contrapelo" de negros que aqui aportaram, ficando desterritorializados e, assim, perdendo suas referências culturais, históricas, religiosas.

Ao mesmo tempo criaram formas de resistir e de guardar algo de suas origens, de suas histórias, de seus povos do outro lado do Atlântico.

Posteriormente li Rei de Ketu e Casa da Água, ambos de José Olinto, narrativas que trazem as marcas de uma África desconhecida e que me motivaram várias perguntas sobre os afrodescendentes brasileiros que tentavam buscar suas origens na África, pensando afirmar sua identidade.

Neste percurso pude conhecer algumas obras da escritora nascida em Minas Gerais, Carolina Maria de Jesus[3], e mergulhei no Diário de uma favelada, a obra “Quarto de Despejo”, seu primeiro diário.



[3] Carolina Maria de Jesus, mineira nascida em 14 de março de 1914 em Sacramento, interior de Minas Gerais, 26 anos após o decreto da propalada abolição da escravidão negra no país e do proclame da república, dois fatos que marcaram a história da sociedade brasileira àquele período. Carolina é filha de uma filha do ventre livre Maria Carolina de Jesus e de João Cândido Veloso, pai que ela não conheceu. E do qual temos conhecimento por meio de sua escrita, anos depois, no seu último trabalho, publicado postumamente em 1986, com o título Diário de Bitita: “Um dia ouvi de minha mãe que meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso. E o nome da minha avó era Joana Veloso. Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele tinha só um terno de roupas” (Jesus 1986: 6).

A entrada no mundo de uma escritora de periferia me levou a pensar num projeto para o doutorado que problematizasse a presença negra na literatura produzida sobre e a partir da Amazônia. O contato com obras da Literatura produzida na Amazônia; além disso, a leitura de autores como, por exemplo, Conceição Evaristo, Lima Barreto, Joel Rufino, Luis Cuti me levaram a refletir e perguntar sobre as marcas de uma escrita negra nessa região.

Em especial as leituras acerca do feminismo negro me conduziram e despertaram para uma leitura do tema com foco na produção literária feminina negra, assim fui apresentada a Giovanna Xavier[4], que vem ao longo de sua docência pesquisando a participação da mulher negra nos diferentes espaços de poder e considerei muito contundente como na apresentação do seu livro ela pergunta “Como Marielle Franco será lembrada pela história? Qual seria a diferença para outras mulheres negras que foram esquecidas dos documentos e da história? (Xavier 2019, p.21)”.



[4]Professora, pesquisadora, idealizadora e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Intelectuais Negras na UFRJ, criado em 2014 (Xavier 2019:17)

Deste modo na tese de doutorado foram contadas as histórias tecidas em torno de algumas mulheres, cujos nomes sofreram em determinados momentos apagamento dos registros oficiais, mas sua escrita permanece registrada, seja em folhetins, em publicações avulsas, em periódicos, e, ainda em livros já publicados. aspectos de suas subjetividades, o riscado de suas existências no mundo, ou como bem aponta Evaristo, suas escritas de vida- ou escrevivências.. Elas são personagens de histórias que aos poucos vão sendo desarquivadas e reveladas em publicações e pesquisas.

As senhoras encantadas ou as mães-pretas fazendo uma referência a suas formas de resistir e tornar público suas escrituras, seu modo próprio de ver o mundo, suas narrativas expressas em poemas, crônicas, álbuns, romances e críticas.



Nesta perspectiva, o tema da literatura, das narrativas, sejam elas na forma escrita ou oral em países como o Brasil que passaram por uma colonização violenta tanto do ponto de vista simbólico, pela imposição de uma ideologia do branco, seus valores, suas crenças, seus modos de vida, como do ponto de vista da violência explícita marcada sobre o corpo de mulheres e homens, negros e indígenas, traz para o tecido textual a necessidade de produzir as necessárias conexões, ou seja,

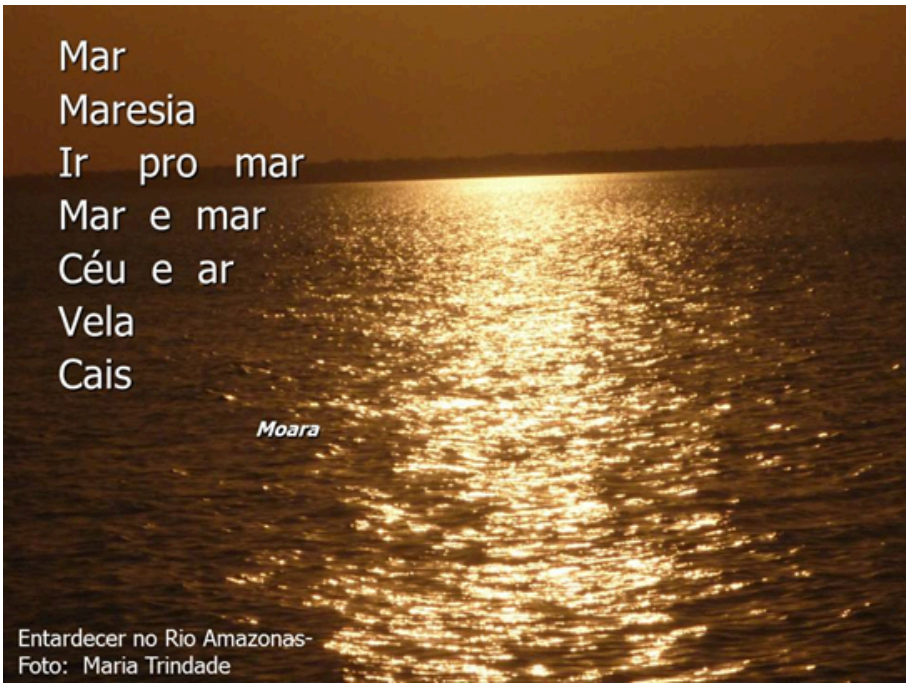
falar de literatura negra significa conectar esse tema com os seus condicionantes nos campos social, político e econômico, admitir que temos uma escrita que sofreu tentativa de apagamento durante o processo histórico de constituição da sociedade brasileira e trazer à tona como isso tem sido impedido no campo das lutas sociais em voga a partir de um grande movimento em torno das discussões étnico-raciais e de gênero, cujas primeiras iniciativas podemser localizadas sim, nessasescritoras que ali estavam ainda sob um mundo do escravagismo e pós-abolição, mas que assim mesmo ousaram se posiciona.

Moara Barreto - Aquela que escreve....



Meus olhos taciturnos
Perderam-se nos teus
procuro agora a luz
e vasculho a noite
em busca do teu sorriso
vagueio
entre as fronhas de nossa cama.

Moara Barreto

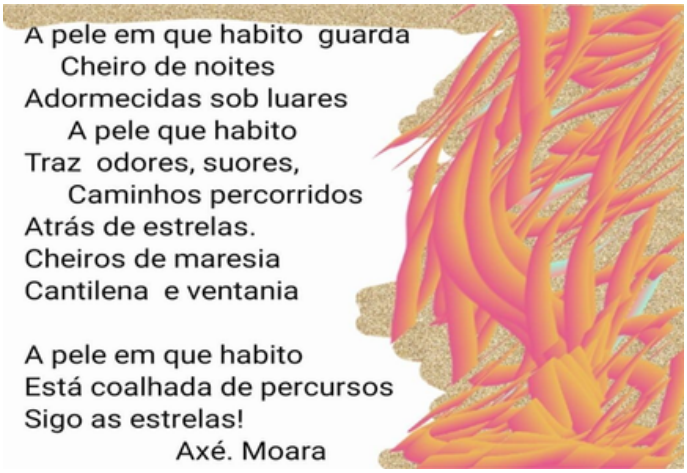


Entardecer no Rio Amazonas-
Foto: Maria Trindade

IFNOPAP-2011






A pele em que habito guarda
Cheiro de noites
Adormecidas sob luares
A pele que habito
Traz odores, suores,
Caminhos percorridos
Atrás de estrelas.
Cheiros de maresia
Cantilena e ventania
A pele em que habito
Está coalhada de percursos
Sigo as estrelas!
Axé. Moara



DELÍRIO (2001)

Embebedo-me no bálsam
Da lua – poesia
Diluo num copo de cristal,
Fragmentos de minha solidão
Vasculho as ruas e becos
Grito por ti!
Arrumo em silêncio
Os cabelos encrespados pelo vento
Que passa que passa
Arrastando a solidão para o escuro
O escuro
Mergulho enfim no copo
E através dele... deliro por ti
Enigmas....suspense...



Doce adeus que não dissestes
Vagos momentos
Em que nos encontramos frente ao espelho
E nos abraçamos a nós mesmos ... A nós.
Sem perdão...fugazmente!
Atravessastes minha vida
E deitastes sobre ela
O olhar longínquo dos navegantes,
O olhar perdido dos amantes
A estrela que brilha brevemente
E abandona a noite em seu leito



Meu amor não partas de mim na poesia !
Deixes que eu escreva com olhos marejados
O entardecer deste amor
E sussurre para o horizonte
O efêmero segredo da vida
Através de um breve sorriso
Amar-te infinitamente
Através do sonho
Delírio profundo que nos invade a pele
O corpo decomposto em mil solidões
Mil solidões, mil solidões!

Poema escrito no primaveril inverno dos trópicos- em abril de 2001.



América Latina(1987)

Esta terra banhada
Do sangue dos seus heróis encantados
Onde os carrascos
Vasculham as noites
E nos roubam as estrelas
Esta terra latina
Crepúsculo da rebeldia
E das revoluções
Esta terra de sonhos
De armas
De fogo
De utopia
Onde nascem os ideais
E ecoa as vozes de Marighela,



Lamarca, Mário Alves, Chê,
Heróis arrancados do seio do povo
Mas que vivem pra sempre
Em nossa memória
Na certeza da vitória. (1987)

Liquida e sonora chuva
Lavou meus pensamentos
Esta tarde
A noite veio
Com um tom de melancolia
Quebrada, apenas, por um lindo samba!



Estranha medida (2013)

População
Pobreza
Educação
Competência
Onde está o ser humano?
Neoliberalizantes
Vestígios?
Sucesso
Fracasso
Competição
Ação de ser mais
Eu sou mais!
Estranho poder
De esmagar
Calcular medidas



Norma,
Cética
Disforme
Controlar o povo
Ideologia
Mídia
Pedaço de pão
Informação
Sem conteúdo
Enquadramento
Homogeneizante dilema
Paralisar mentes
Pensar não!
Refletir não!



Copiar
Contar
Números
Dados estatísticos
Pobreza é numero
Solidão é numero
Analfabetismo é número

Saúde é número
Tapar o sol
Os olhos não devem ver a luz
Onde está o ser humano nisso tudo?



Manhã de junho
Alvores de novas esperanças
O ar está mais leve
Já não respiro
A fumaça sombria da desconfiança
Meu corpo está sensível
    O mínimo toque me liquefaz
As cores parecem fazer uma dança
Em torno de mim
Todos os cheiros estão ativos
Mês dos lírios
Há um cheiro quente no ar
    Mês dos amores
    Das luas cheias
Do canto fugaz do sabiá



Teu encanto
Meu encanto
Penetramos nas águas límpidas do rio
Encontramos iemanjá
Dourada pelo sol
A floresta nos acolheu
Com a sua umidade
Viajamos por planetas e céus
Eu dentro de você
Você em mim
Recônditos lugares
Onde nos espraiamos em prazer
Onde estão teus olhos agora?
Quais paisagens por eles se revelam?



Quem quebrara o silêncio
De nossa atmosfera
O que nos fez recusar o amor
E impedir o desejo
Qual música toca em nossa lembrança
Quando nos enlaçávamos no chão perene
E fazíamos amor até cansar
Onde deixamos nossa solidão
Por onde passo
Sinto um pouco de ti
Como que ansiando ver-te
Sob o luar
Sob as cobertas
Nas águas cristalinas
Que umedecem meus olhos
E silenciam minha alma

Maio de 2005.



VOLTAR É SEMPRE PARTIR

Crônica, por Moara Barreto

Vinha caminhando pela rua sob um sol de 40 graus. Nenhum espaço a sua frente tinha sabor de saudade. Esperava contar com sorrisos e lágrimas. A volta é sempre partida. Num ínfimo tempo, aporta à janela de Maria. Está só. Vasculha galerias das lembranças em busca de uma sentimentalidade que está perdida.
No escuro, no frio e escuro porão sombrio de sua memória. Vê um rosto. Cabelos soltos ao vento.



Espaço desdobrado em cores de antes.

Perde o sorriso. Sob lentes desfocadas aguarda a primavera. O outono já chegou. E trouxe consigo certezas do cinza. Ri-se da agonia, ri-se do medo. O asfalto parece queimar-lhe os pés descalços. A agonia prevalece sobre a dor. Onde foi Maria? Qual estrela que se findou. Procura entre pedaços de guardados, cheiros, fantasias, sabores de noites mal dormidas, exalantes perfumes sobre a esteira de vime. Candelabros sufocantes que amaciavam a noite com finas luzes. Passa a mão na tez reluzente de uma foto amarelada. Descaminhos.



Sobrou nada. O vago silêncio de outrora, quebrado pelo murmúrio da rua. O escaldante rei que toma todo o espaço e finca sua espada de raios na face macia. Caminha em direção da porta. Quebrada e suja.
Não é entrada. É saída. É caminho que não se deve fazer. Entra. O sofá da sala está banhado em mofo. Outrora divã de sussurros, cúmplice de beijos e de esperas. Agora, vazio. A parede guarda pedaços dos que se foram. Papéis amassados sobre a escrivaninha denunciam dúvidas, incertezas, amores findos, amores idos. Aguça os sentidos. Inspira fundo na direção da janela aberta.



O porto traz um cheiro de solidão e de mar. Logo o ar se enche de uma brisa morna que o invade até o mais profundo da alma.

Maria se foi... Deixou o rastro de um amor. Deixou pedaços de bem amar. Cantigas perdidas no espaldar do dia. E agora, sobressaem-lhe as marcas da vida. Olha para o vazio. Vê o mato, erva daninha que toma rasteiro cada pedaço do jardim de outrora. As onze horas fenecem, as margaridas desmancham-se. O girassol teimoso gira em busca... da luz. Procura vestígios. Pergunta a rua: onde foi Maria?



O vento responde sussurrando-lhe ao ouvido: partiu, sem medo, sem demora. Levou consigo a alegria de outrora.

A rua ficou pra trás. O porto ficou pra trás. O amor? Este já havia partido. Agora, flutuava.




No exato momento do movimento




Educação
Mais educação Menos desigualdade
EDUCAÇÃO TRANSFORMA VIDAS
LER
PENSAR
SONHAR
CONQUISTAR

Eu sou, Te Ribeiro



Eu sou, Te Ribeiro

Minha existencia começa em um lugarejo chamado Bragança, interior do estado do Pará, onde nasci. Um parto complicado numa noite de lua cheia em um hospital da cidade. O ano era mil novecentos e sessenta e dois, o mes dezembro e o dia era doze, primeiras horas desse dia, madrugada. Meus pais eram trabalhadores, minha mãe, professora dos primeiros anos do ensino primário e meu pai iniciava a vida como pequeno comerciante. Naquela época, ele era alfabetizado, sabia ler e escrever, mas o que ele sabia mesmo era fazer contas, talento na matemática, já nasceu com talento para os números. E graças a esse seu talento nato, seu comércio prosperou e junto com minha mãe, eles puderam oferecer uma vida razoável para nós, eu e meu irmão.



Trago muitas memórias da minha infância, de brincadeiras em bando, éramos muitas crianças o que era muito bom e era na rua, nas calçadas, nas praças e quintais. Cantigas e danças de roda, trinta e um alerta, macaca, bole-bole, pó-rouge-baton e muitas outras brincadeiras. Lembro que na praça do jardim, também conhecida como praça do coreto, bem próximo da casa dos meus pais, tinha um jardineiro, o Bené, muito simpático e amigo, meus pais gostavam muito dele e lembro da voz dele: ê teresa, cumprimentando minha mãe.

Bené usava chapéu de palha, calça larga acima do tornozelo, tamancos de madeira, que eram vendidos na feira aos montes, ele sentava num banquinho quase rente ao chão e cuidava daquelas plantas, a praça era muito bonita e me chamava atenção vê-lo sentado naquele banquinho cuidando das plantas e bem humorado. Lembro daquelas árvores enormes que custo achar o nome, flamboyant, acho que é isso, a praça do coreto tinha muito, lembro das papoulas de várias cores e até hoje estão lá imponentes as carnaubeiras, concordo com Walter Benjamin, quando diz que o vivido é limitado mas o que é lembrado é infinito, em sua obra A imagem de Proust[1].

Estudei no jardim de infância do colégio santa teresinha, depois fui fazer a alfabetização no externato santo antonio onde fiquei até a quarta série, fiz a quinta série na escola ginásio prof Paixão, única escola que não tem nome de santo e não sei de quem se trata, quem era o prof paixão, alguém sem dúvida importante, mas nesse momento não consigo lembrar da história dessa ilustre figura.



[1] BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura (Obras Escolhidas, Vol 1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

Na sequencia, retornei para o colégio santa teresinha para fazer o curso técnico em contabilidade. Fiz até o segundo ano com muita dificuldade, não me interessava por quase nenhuma das disciplinas, salvo língua portuguesa, gostava de ler e amava literatura brasileira.

De resto, percebia que havia um grande equívoco entre a fama que eu tinha de ser inteligente e estudiosa e a realidade, o que eu tinha mesmo era muita dificuldade de concentração e foco, não gostava de matemática, gostava mesmo era de divagar pela literatura, sonhava muito com outras maneiras de viver, outros lugares e pessoas diferentes, olhar a natureza, admirar o Caeté, o que me levou a escrever poesias, hábito que nunca levei muito a sério, apesar de algumas terem sido publicadas.



No final dos anos setenta, fui morar em Belém para continuar os estudos, fazer convênio, entrar na universidade, contra a vontade de minha mãe que sonhava para mim apenas um emprego no banco, eu seria bancária, e teria uma vida tranquila, garantida, sem depender de homens, segundo ela. De fato, ela acertou, comecei a trabalhar cedo por necessidade e não depender de homens pelo menos economicamente sim, só de meu pai, por um bom tempo foi uma realidade. Primeiro passei no vestibular para meu curso de vocação que era psicologia, mas a faculdade era particular, meu pai pagava e no segundo ano, precisei abandonar, para dar atenção ao bebê que estava chegando.

Daquele ano só retornei à universidade em mil novessentos e oitenta e seis, quando passei no curso de filosofia. Decidi fazer filosofia por uma razão simples e complicada ao mesmo tempo, quando estudava psicologia percebi que não entendia nada de nada e ficava arrasada, até descobrir que eu buscava um porto para ancorar meus estudos. Para ingressar na universidade era necessário estudar filosofia, qualquer curso carecia de uma visão panorâmica e foi a filosofia que me deu essa visão, hoje entendo perfeitamente as palavras de Merleau Ponty[1] – "a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo". A Filosofia foi e ainda é um porto, nada seguro, mas um porto, um lugar vacilante mas um lugar, que vira e mexe me abriga, me aterra.



Eu alimentava um sonho que era cursar filosofia e retornar para psicologia, mais situada e equilibrada mesmo em um chão vacilante, mas com um filho pequeno, eu precisava continuar trabalhando, afinal fiz curso superior, trabalhando fora e dentro de casa. Quando consegui concluir o curso, fui dar aula de filosofia para o ensino médio, aí já era mil novessentos e noventa e oito. E quando comecei a dar aula foi esse o momento em que todo aquele conhecimento começou a fazer ainda mais sentido para mim, como diz a música: "quanto mais a gente ensina mais aprende o que ensinou".

[1] MERLEAU-PONTY. Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Eu alimentava um sonho que era cursar filosofia e retornar para psicologia, mais situada e equilibrada mesmo em um chão vacilante, mas com um filho pequeno, eu precisava continuar trabalhando, afinal fiz curso superior, trabalhando fora e dentro de casa. Quando consegui concluir o curso, fui dar aula de filosofia para o ensino médio, aí já era mil novessentos e noventa e oito. E quando comecei a dar aula foi esse o momento em que todo aquele conhecimento começou a fazer ainda mais sentido para mim, como diz a música: “quanto mais a gente ensina mais aprende o que ensinou”.

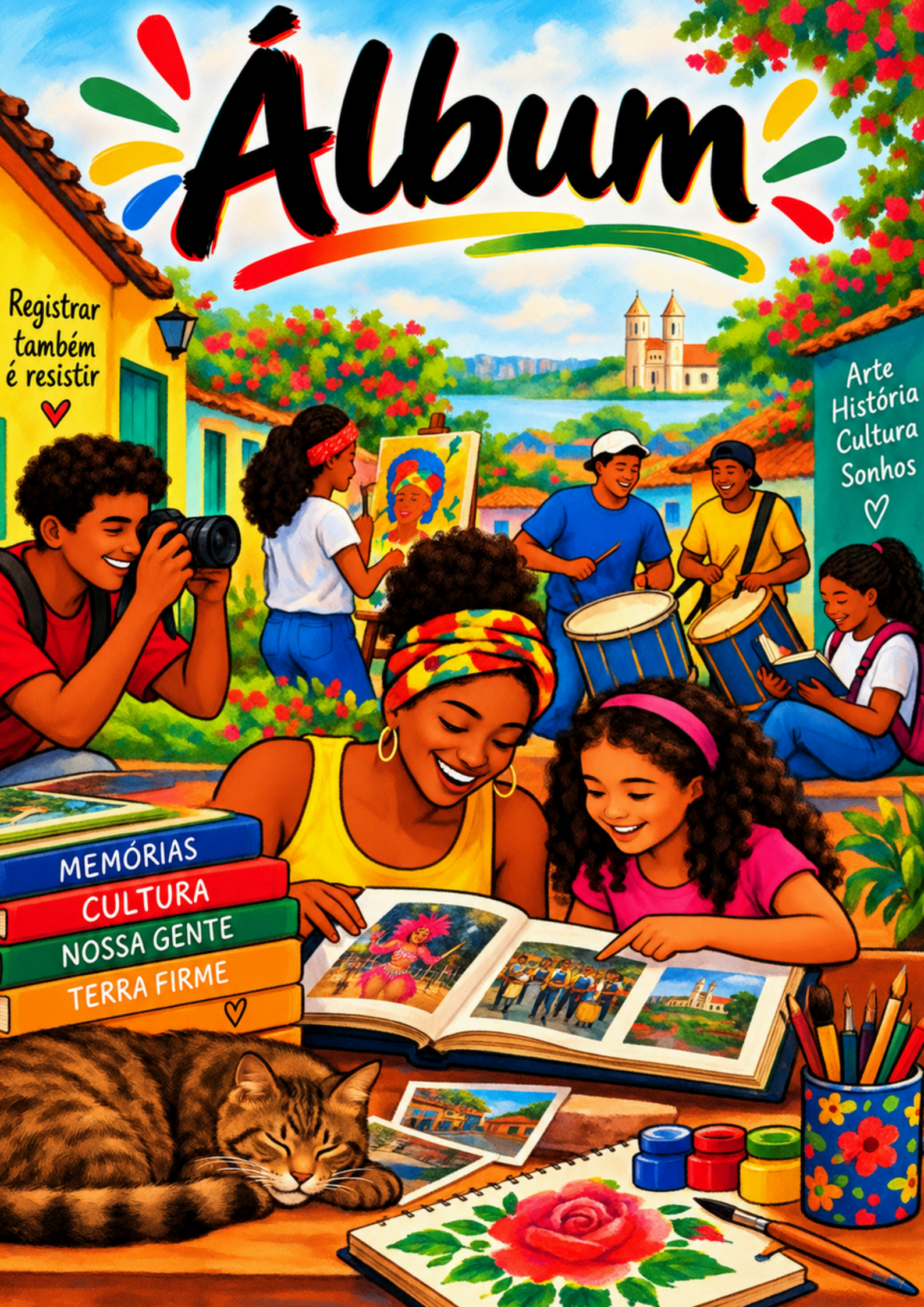
O tema inicial que girava em torno das vendas de açaí situadas à rua bernardo sayão no bairro do guamá se converteu em um estudo antropológico sobre os moradores da ilha do Maracujá, considerando que todas as ilhas que circundam a cidade de Belém, possuem chão de várzea e vastos açaizais, por isso são as principais produtoras do açaí que consumimos. Daí enveredei pelas ilhas e rapidamente comecei a dar aulas para o ensino médio na ilha das Onças. Lá construi minha tese de doutorado em antropologia, aprendendo com meus alunos tudo sobre açaizal, a maioria deles eram coletores de açaí durante a manhã e à tarde/noite frequentavam a escola quase sem nenhum interesse mais por obrigação.



Então eu me interessei pelo cotidiano daquelas pessoas e realizei algo próximo de uma pedagogia invertida, possibilitando a eles apresentarem o seu aprendizado nos açaizais, com isso tornaram-se meus professores e eu fui aluna de cada um deles. Foi um aprendizado intenso que resultou num material intitulado O lugar do corpo no corpo do lugar: uma etnografia da “panha” do açaí entre jovens da Ilha das Onças-Pa.

Paralelamente ao trabalho de professora e pesquisadora e como tantas outras mulheres, sou mãe de dois filhos, Gabriel e João e tenho um neto chamado Heitor. E é desse lugar que mando um salve para todas as mulheres, para todas as mães e todas as professoras, que desafiam diariamente as estruturas de um sistema feroz, capitalista, patriarcal e ainda tem algum amor para compartilhar.




Álbum
Registrar também é resistir
Arte
História
Cultura
Sonhos
MEMÓRIAS
CULTURA
NOSSA GENTE
TERRA FIRME




Congresso Internacional de Direitos
Humanos na Amazônia
2025
Mãe Cris Leite - Donè Ominjibo
Homenagem recebida como Liderança Religiosa e pelos
trabalhos socio- culturais desenvolvidos no
Instituto Principe Formoso
21
2
1

02:05 62%

Publicações

filhos_do_ofakare



MÃE CRIS LEITE

ITA ZUMBI 2024

Donè Ominjibo ou mãe Cris Leite de Logun-edé, iniciada a 19 anos no Candomblé Jeje, dirige o Hùnkpàmé Aho Nuga desde 2014. É diretora presidente do Instituto Principe Formoso - INSPRINFOR. É Conselheira de Promoção de Igualdade Racial tanto pelo Estado, quanto pelo Município de Ananindeua pelo INSPRINFOR. Possui as comendas: Mãe Doca (ALEPA/PA) e Pai Ayrton Soeiro (Camara Municipal de Ananindeua).

Realização:
AFAIA




tirada no motorola edge 50 neo
19 de abr. de 2025, 09:06










23-27 DE MARÇO
ARÁ
MOSTRA DE CINEMA DE TERREIRO
2026
LOCAL:
CINE LÍBERO LUXARDO
UFPA
ILÉ ÀSE AGÁ ARÓ NILÉ
WWW.ARAFESTIVAL.COM.BR
@FESTIVAL_ARA






Saravá
Esperança








COP30
BRASIL
AMAZÔNIA
BELÉM 2025
Agenda das
Mulheres Negras
Caminhando
o Futuro com
Justiça Climática


DIPLOMA
CRISTHIANNE DE FATIMA ALMEIDA LEITE
MÉRITO AFRO RELIGIOSO
2024


SEM CENSURA PARÁ


SANDRO BARBOSA


Núcleo de Conexões
Sandro barbosa

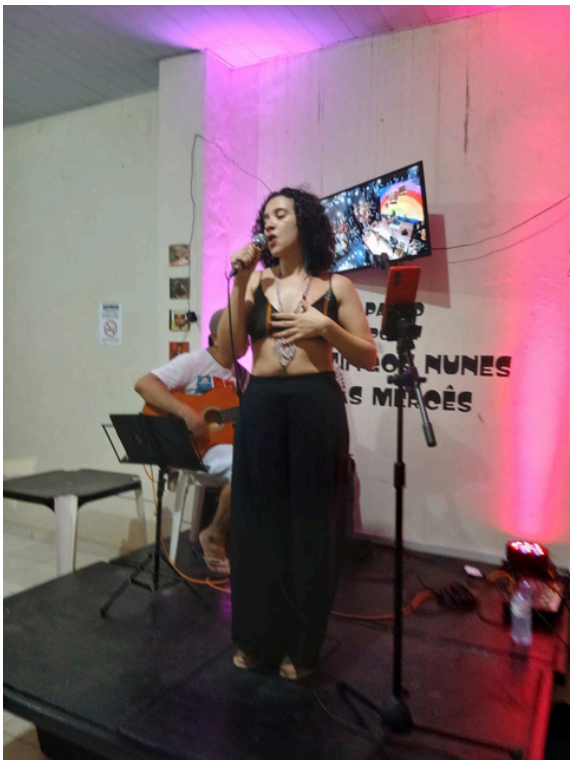









Marcelo Barros - (91)98303-3344
blog
METAL PARA
www.metalpara.com.br Eu SIGO!
GB
COMUNICAÇÃO & MARKETING






EXTREME









Foto:Leticia Santos

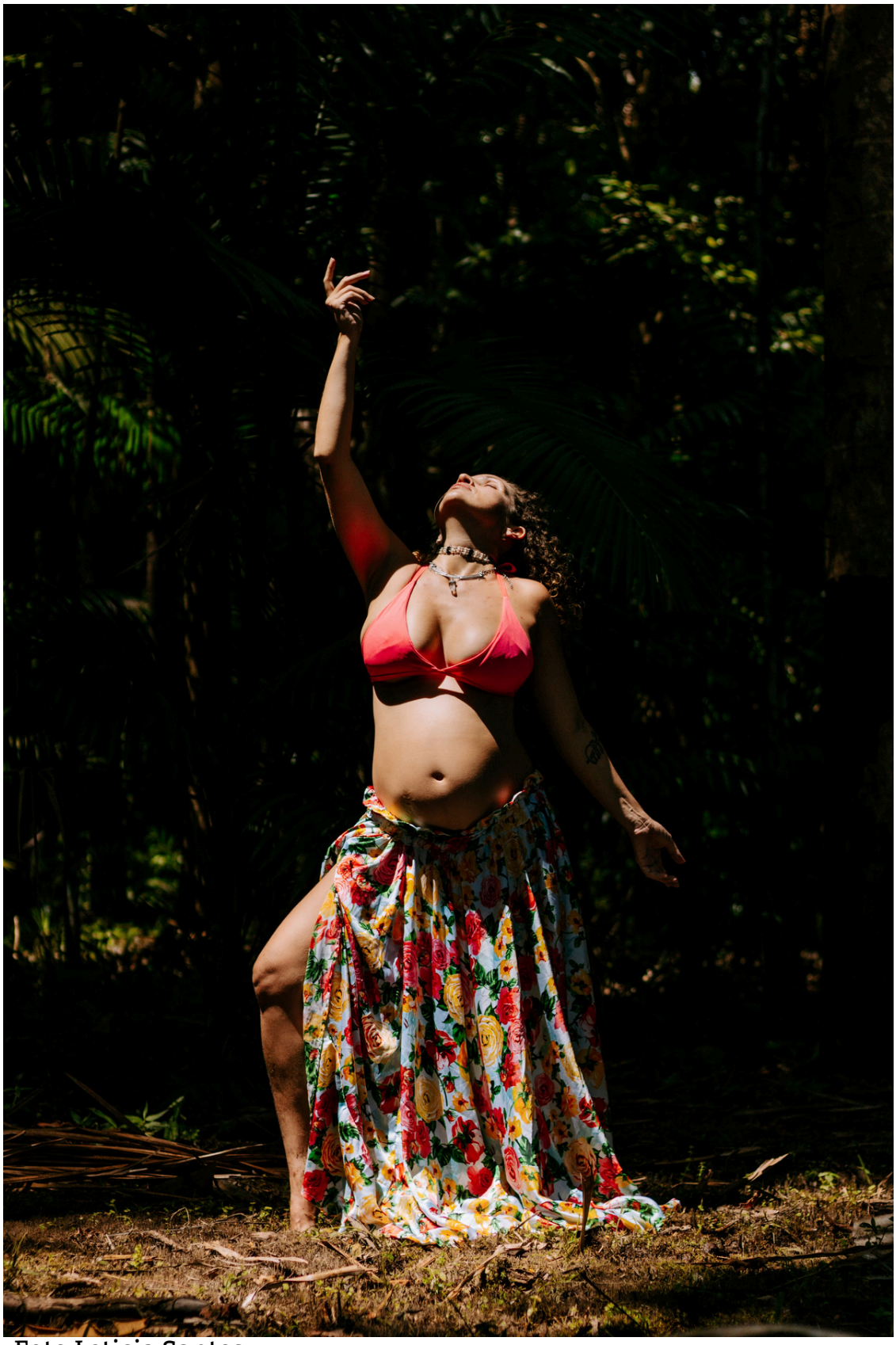


Foto:Leticia Santos



Foto:Leticia Santos








GRESSO




Organizadora
Ler
Escrever
Criar
Transformar
Projetos
Mulheres
Cultura
Comunidade
Sonhos
Literatura
Juntas somos mais fortes

Eu sou, Leila Leite



Leila Leite

Eu sou escritora, doutora em Antropologia, editora, organizadora da Editora Gato Ed, membra fundadora da Academia de Letras de Belém-ALBEL, minhas escritas e pesquisas na literatura percorrem o cotidiano, a periferia, o tempo, a memória. Na antropologia também, minhas pesquisas passam pelas questões de gênero, de raça, de arte, de lutas sociais. A Editora Gato Ed existe por tudo isso, ela tem 6 anos de existência e de muita ação, lembro quando me disseram que nem era possível dela existir. Estou aprendendo a ser editora, diagramadora e tudo o que exige a montagem de e-books e impressos. Sou gateira.


Editora
Gato Ed
LIVROS
IDEIAS
PESSOAS
MUNDOS
POSSÍVEIS
POESIA
LITERATURA
CULTURA
SONHOS
RESISTÊNCIA
Mulheres
Leitura
Escrita
Transformação